



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ELLEN OLIVEIRA

MEMORIAL

**UMA ESCOLA PARA TODOS: Série de reportagem em áudio sobre a importância da
socialização de crianças e adolescentes autistas nas escolas**

Brasília, 2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ELLEN OLIVEIRA

**UMA ESCOLA PARA TODOS: Uma reportagem radiofônica sobre a importância da
socialização de crianças e adolescentes autistas nas escolas
do Distrito Federal**

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como parte do Projeto Final em Jornalismo e requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Carlos Eduardo Machado da Costa Esch

Membro titular: Fernando Paulino

Membro titular: Caíque Novis

Brasília, 2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o meu coração é grato ao meu Deus e ao meu Senhor. O autor de tudo o que há. Sem ele, a vida seria apenas um eco no universo, correr atrás do vento e vaidade de vaidades. Com ele, a vida tem cor. Obrigada, Pai.

À minha família, Mãe, Adair, Juju e Davi. Vocês foram essenciais em toda a minha jornada acadêmica e principalmente no decorrer da produção deste trabalho. Voltar para casa e poder dar bom dia a vocês é sempre recompensador. Obrigada por não me deixarem desistir.

À minha madrinha, que, durante um longo período de tempo, foi base e sustento para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada, o meu coração transborda de amor por você.

Aos meus tios, primos e avós, e especialmente à minha prima e melhor amiga Alice. Vocês são sopro de vida em dias quentes. São risadas certas, conversas altas e um pouco de confusão, também. Obrigada, esta conquista também é um pouco de vocês.

À minha amiga Beatriz Guimarães, por ter sido força espiritual e companheira de caminhada. Você está inscrita na minha galeria de heróis da fé, pois a sua me constrange. À minha amiga Karina Nicolau, por, de alguma forma, me deixar observar de perto a grande mulher na qual está se tornando. Me orgulho de te conhecer.

À minha amiga Wanessa Alves, que, mesmo longe, nunca deixou de me apoiar na conclusão deste trabalho. Você me inspira, e a sua generosidade torna quente o coração.

À minha irmã, Carolyne Ramos. Olho para você e me emociono, pois consigo ver a bondade de Deus. Sua vida é um milagre e um presente, e sou grata por isso.

E por último, mas não menos importante, ao meu professor e orientador, Carlos Eduardo Esch. Obrigada, a sua gentileza em momentos sombrios foi uma dádiva.

RESUMO

Esta é a memória da série de reportagens “Uma escola para todos: a importância da escola na socialização de crianças autistas”. Uma série de reportagens em áudio, que conta com 4 episódios onde o transtorno do espectro autista e a forma que é dado o seu diagnóstico é entendido. Também é falado da relevância da escola na vida das crianças autistas e em como um trabalho multidisciplinar envolvendo a escola, familiares e especialistas pode melhorar a qualidade de vida dessas crianças. No documento a seguir, é relatado a forma que a reportagem foi construída, os roteiros produzidos, concluindo com a perspectiva de que a socialização e um tratamento adequado pode melhor desenvolver a criança autista e de que forma o assunto pode contribuir para a diminuição do preconceito a respeito do transtorno do espectro autista.

Palavras-chave: autismo; reportagem em áudio, educação inclusiva; educação especial; socialização de autistas.

SUMÁRIO

1.Introdução	5
2.Objeto jornalístico da série	8
3. Justificativa	9
4. Objetivos	11
4.1 Objetivos específicos	11
5. Conceitos relacionados ao trabalho.....	12
5.1 Neurodiversidade	12
5.2 Autismo	12
5.3 Socialização	14
5.4 Educação inclusiva	15
5.5 Educação especial	16
5.6 Reportagem	16
6. Produção.....	18
6.1 Construção do objeto jornalístico	18
6.2 Elaboração da pauta	18
6.3 Apuração	18
6.4 Processo de roteirização	19
6.5 Produção em áudio	19
6.6 Descrição dos episódios	20
7. Considerações finais	21
7.1 Considerações da produção e do produto	21
7.2 Considerações de natureza pessoal	22
8. Referências bibliográficas	24
9. Anexos	30
9.1 Pautas	30
9.2 Roteiros	43

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho foi fazer uma reportagem em áudio para refletir sobre a realidade do processo educacional oferecido aos autistas no DF. A ideia foi mostrar a importância que a escola possui no desenvolvimento ativo das crianças autistas e como uma educação inclusiva, além de ser um direito, é uma fonte importante para a socialização e para a melhoria da qualidade de vida dos autistas.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno que atinge cerca de 70 milhões de pessoas no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)¹. No Brasil, a estimativa é de que 1 a cada 36 crianças sejam diagnosticadas com autismo, sendo que o número de casos vem crescendo nas últimas décadas. A acessibilidade do diagnóstico a populações desassistidas pode ser um fator importante para esse aumento. Outro fator que pode explicar esse aumento é o fato de as pessoas estarem tendo filhos cada vez mais velhos, o que pode, teoricamente contribuir para o crescimento no número de pessoas que apresentam autismo.

Por causa desse crescimento do número de autistas, existe um aumento na discussão sobre políticas públicas que podem ajudar na melhoria da vida dessas pessoas e algumas dessas políticas englobam o cenário educacional, como a necessidade da inclusão escolar. Além disso, o diagnóstico precoce de crianças com TEA, devido à maior acessibilidade, permite a existência de intervenções mais eficazes, pois no âmbito escolar, ter diagnósticos precoces ajuda no planejamento adequado das necessidades de cada aluno.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)² 731 mil crianças ainda estão fora da escola, mesmo que a educação básica, além da educação inclusiva, seja um direito assegurado por lei. No Brasil, os dados sobre a matrícula

¹ Reportagem encontrada em:

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/431601-estudo-revela-aumento-no-numero-de-diagnosticos-de-a-utismo/#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,a%201%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira.>

² Reportagem encontrada em:

<https://www.passeidireto.com/pergunta/138350820/o-brasil-ocupa-o-53-lugar-em-educacao-entre-65-paises-avaliados-pisa-mesmo-com-o>

de crianças autistas nas escolas têm sido cada vez mais monitorados. Segundo o Censo Escolar de 2023³, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mais de 400 mil alunos autistas estão matriculados na educação básica, mas nem todas as crianças autistas estão matriculadas em escolas regulares, ou seja, as escolas que comportam crianças tidas como normais, ou típicas, e também crianças atípicas. Algumas frequentam escolas especializadas, e outras podem estar fora do sistema escolar.

Por isso, a formação de professores também é um ponto crucial para que realmente haja a inclusão das crianças autistas nas escolas regulares, sendo que os educadores precisam de uma formação específica para entender as nuances que existem no espectro autista, pois precisam lidar com diferentes necessidades sensoriais, de comunicação e de socialização. Muitos dos professores que atuam em escolas inclusivas acabam por não se sentirem capacitados para lidarem com os autistas.

O desafio dos educadores vai além da superação da sensação de incapacidade, pois também abrange uma série de questões fundamentais, como a falta de um currículo educacional que expresse as necessidades de formação que as especificidades de crianças com TEA apresentam e como essas peculiaridades podem e devem ser tratadas na prática. Essa demanda poderia ser solucionada com a presença de equipes multidisciplinares, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Além de professores especialistas em oferecer apoio para crianças que possuem um comprometimento cognitivo mais elevado.

O uso de tecnologias assistivas e materiais adaptados, como o PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), também são fundamentais para promover um melhor aprendizado e comunicação de crianças autistas. Entretanto, muitas escolas ainda não têm a infraestrutura adequada para atender crianças com autismo, seja em termos de acessibilidade física ou de adaptação curricular.

O preconceito também é uma barreira significativa. Os autistas podem enfrentar discriminação por parte de colegas, e até mesmo de professores, devido à falta de compreensão sobre o TEA. Por isso, e por cada criança autista ser única e ter suas

³ Reportagem encontrada em:
<https://diversa.org.br/noticias/censo-escolar-2023-pais-mantem-crescimento-de-matriculas-em-escolas-inclusivas/>

próprias necessidades, a educação para este tipo de estudante precisa ser altamente individualizada.

Embora haja progresso, há uma necessidade contínua de mais recursos, sensibilização e compreensão para garantir que todas as crianças autistas tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas habilidades. A inclusão de alunos autistas nas escolas é um processo contínuo que envolve ajustes constantes nas políticas educacionais, formação de professores e adaptação das práticas pedagógicas.

2. OBJETO JORNALÍSTICO DA SÉRIE

Diante do cenário exposto no tópico anterior, o objeto jornalístico dessa série de reportagens é o processo social da educação como um espaço de socialização para autistas. A série se configura em uma análise sobre legislações a respeito dos direitos dos autistas e busca demonstrar e analisar a relação das crianças que apresentam o transtorno com seus professores, familiares e com a equipe multidisciplinar presente nos tratamentos necessários.

A escola é um lugar que desempenha um papel fundamental na socialização de todas as crianças. Para as crianças autistas, a socialização pode apresentar desafios únicos devido às suas dificuldades de comunicação, interação social e sensibilidades sensoriais. No entanto, a escola também oferece oportunidades sem igual para o desenvolvimento social dessas crianças. Como a interação com pares, onde em um ambiente estruturado, as crianças autistas podem interagir com crianças que estão na mesma faixa etária. Estar em uma escola regular também expõe crianças autistas a uma variedade de situações sociais que podem ajudá-las a entender diferentes regras e dinâmicas sociais por poderem observar e imitar comportamentos de colegas.

Um ambiente escolar inclusivo, onde a diversidade é valorizada, pode ser um espaço seguro para que crianças autistas pratiquem suas habilidades sociais sem medo de julgamento. Isso envolve professores e alunos que compreendem e aceitam as diferenças. Além dos programas específicos de ensino de habilidades sociais, que envolvem o aprendizado de comportamentos adequados em diferentes contextos.

3. JUSTIFICATIVA

O Transtorno do Espectro Autista já foi um tabu em diversas rodas de conversa, nas quais muitos pais já se sentiram envergonhados por terem filhos autistas ou que estivessem no processo de diagnóstico do autismo. Porém, essa pauta social vem emergindo no Brasil e no mundo, onde o falar sobre o autismo tem se tornando extremamente importante, por razões que englobam a conscientização, a inclusão, a quebra de preconceitos e a promoção de uma sociedade mais justa.

E mesmo que seja uma pauta em construção na sociedade, muitas pessoas não compreendem o que é o autismo, e, por isso, acabam reproduzindo mitos e preconceitos sobre o transtorno. Por essa razão, usar o recurso da comunicação e de uma reportagem jornalística como um meio de divulgação, é fundamental para ajudar a conscientizar a sociedade sobre as características do espectro autista. A disseminação de informações corretas sobre o transtorno poderá contribuir para desmistificar falsas crenças, como a ideia de que todas as pessoas autistas não têm interesse em interações sociais.

A discussão sobre o autismo pode contribuir para uma promoção da inclusão dessas pessoas em um aspecto social e educacional. Quanto mais pessoas entenderem o que é o autismo, mais receptivas elas se tornam para apoiar políticas e práticas inclusivas. Falar sobre o autismo também pode ajudar a combater o estigma e a discriminação que as pessoas autistas e suas famílias enfrentam no seu dia a dia. Muitos pais, cuidadores e familiares podem se sentir isolados ou sobrecarregados ao lidar com o diagnóstico de um ente querido. A discussão aberta sobre o tema facilita o acesso a informações, serviços e grupos de apoio que podem ajudar essas famílias a enfrentarem os desafios diários.

A conscientização sobre os sinais do autismo também pode ajudar pais, professores e profissionais de saúde a identificarem o transtorno mais cedo. O diagnóstico precoce é crucial, pois permite que as crianças recebam intervenções e apoios apropriados em uma fase inicial, o que pode fazer uma grande diferença em seu desenvolvimento e qualidade de vida.

4. OBJETIVOS

Objetivo geral: O objetivo geral deste trabalho é produzir uma série jornalística com 4 episódios, de 13 à 15 minutos, que traga a reflexão questões importantes a respeito do processo educacional do autista, sobre o seu diagnóstico e também como o tratamento é feito. Procura também mostrar a busca dos autistas e suas famílias por uma melhora na sua qualidade de vida e como a escola se tornou um fator importante nessa realização e no desenvolvimento dos autistas, sendo um lugar onde a inclusão é possível.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o que é o autismo, suas nuances e diferenças em relação a outros transtornos do desenvolvimento.
- Entender como é dado o seu diagnóstico e quais são as causas para o seu desenvolvimento, além de saber quais são os tratamentos adequados para uma criança que recebe o diagnóstico do transtorno do espectro autista;
- Entender como funcionam as políticas públicas em relação à pessoa autista e como funciona a lei de inclusão da pessoa com deficiência nas escolas regulares e centros de educação especial.
- Analisar como a escola pode ajudar no processo de socialização das crianças autistas com outras crianças que estão na mesma faixa-etária;
- Saber como as famílias, principalmente as mães, das crianças autistas têm enfrentado o diagnóstico que seus filhos receberam. Quais são as suas dificuldades, e a maneira que o tratamento, juntamente com o auxílio da escola e de profissionais adequados aumentaram a qualidade de vida da criança e também da sua família.

5. CONCEITOS RELACIONADOS AO TRABALHO

Por ser um trabalho de produção de uma série que se concretiza em um produto, os conceitos envolvidos serviram, jornalisticamente, para a problematização e compreensão do tema que está sendo trabalhado e das questões que o envolvem, não se caracterizando, portanto, como uma tradicional reflexão teórica. Para se pensar no autismo dentro das escolas, é necessário se pensar em conceitos que emergem dos processos e circunstâncias que envolvem o aluno na escola, os seus professores e a natureza da educação que é dada a essas crianças.

No cenário analisado na série, é necessário compreender as características do transtorno e como elas impactam o desenvolvimento e o aprendizado dos alunos. Além disso, é fundamental considerar práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades específicas dos autistas.

5.1 NEURODIVERSIDADE

O termo neuro atípico está ligado ao conceito de neurodiversidade, que explica que as variações no desenvolvimento neurológico e cognitivo são formas naturais de diversidade humana, assim como as variações físicas.

Uma pessoa neurotípica é aquela cujo desenvolvimento neurológico ou funcionamento cognitivo difere das normas ou expectativas típicas da sociedade, ou seja, do nível mais comum entre as pessoas. O termo é usado para descrever pessoas que possuem condições como Transtorno do Espectro Autista (TEA),

Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)⁴, dislexia⁵, síndrome de Tourette⁶, entre outros.

O conceito⁷ de pessoa neurotípica, ou neuro divergente, contrasta com a ideia ao redor do termo neurotípico, que se refere ao indivíduo cujo desenvolvimento neurológico segue padrões considerados normais ou mais comuns aos que são apresentados pela média das pessoas. O ser humano neurotípico pode processar informações, se comunicar e perceber o mundo de maneira diferente daquele considerado neurotípico. Isso pode afetar a maneira como esse indivíduo aprende, trabalha e se relaciona socialmente.

Ao adotar o conceito de neurodiversidade, é possível compreender o autismo não como uma doença ou uma condição a ser curada, mas como uma variação natural da experiência humana, com características e modos de funcionamento que são apenas diferentes da maioria e que serão perenes ao longo da vida. Essa perspectiva tem implicações para como a sociedade, as escolas, as famílias e as próprias pessoas com autismo se relacionam com o transtorno.

5.2 AUTISMO

O autismo⁸, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por diferenças na capacidade da comunicação, da interação social e na manifestação de comportamentos repetitivos

⁴ O **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)** é um transtorno neurobiológico do desenvolvimento caracterizado por dificuldades em manter a atenção, controlar impulsos e regular o nível de atividade. As pessoas com TDAH têm dificuldades em desempenhar tarefas que exigem concentração sustentada, o que pode interferir no desempenho escolar, nas relações sociais e nas atividades cotidianas.

⁵ A **dislexia** é um transtorno específico de aprendizagem, caracterizado por dificuldades na leitura, escrita e, em alguns casos, na soletração. É uma condição neurobiológica, frequentemente hereditária, que afeta a forma como o cérebro processa símbolos e sons das palavras.

⁶ A **Síndrome de Tourette (ST)** é um **transtorno neurológico** caracterizado pela presença de **tiques motores e vocais**. Esses tics são movimentos ou sons repetitivos e involuntários que a pessoa não consegue controlar de maneira fácil.

⁷ Definição encontrada em:

<https://www.gov.br/cultura/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/governanca/imagens-programa-integridade/DiversidadeemPauta2EdioNeurodivergncia.pdf>

⁸ Definição encontrada em:

<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=Dificuldade%20para%20interagir%20socialmente%2C%20como,iniciar%20e%20manter%20um%20di%C3%A1logo>

ou restritos, como balançar o corpo para frente e para trás, girar as mãos, bater os pés, ou torcer as mãos repetidamente, como também organizar objetos de forma metódica e repetitiva, como empilhar blocos ou alinhando brinquedos ou outros itens em uma ordem específica. O termo "espectro" é usado porque o autismo se manifesta de maneira muito variada entre os indivíduos, com diferentes níveis de intensidade e repercussão na vida das pessoas. As características do TEA podem variar desde casos mais leves, onde o indivíduo pode ser altamente funcional, até casos mais graves, que requerem suporte intensivo.

Os autistas geralmente possuem dificuldades em interpretar sinais sociais, como expressões faciais, gestos, e nuances de comunicação não verbal. Essas dificuldades podem se manifestar em desafios para iniciar ou manter conversas, fazer amigos ou participar de atividades sociais. A comunicação também pode ser afetada de maneiras diferentes, tendo pessoas autistas não verbais, enquanto outras podem ter habilidades verbais bem desenvolvidas, mas com dificuldade em usar a linguagem de uma forma socialmente apropriada, que consigam expressar ideias e manter diálogos. Essas formas de linguagem são importantes para garantir que a comunicação seja eficaz, não cause ofensa e respeite as diferenças culturais, sociais, de gênero, etnia, entre outras. Podem também apresentar padrões de fala que não são tidos como normais, como repetir frases ou palavras (chamados ecolalias), ou ter uma compreensão literal da linguagem, o que pode dificultar a interpretação de metáforas ou expressões idiomáticas.

Muitas pessoas com TEA exibem comportamentos repetitivos, como balançar o corpo, girar objetos, ou repetir frases. Esses comportamentos podem servir como uma forma de auto regulação sensorial ou emocional. Essa regulação se refere a aspectos diferentes da maneira como um indivíduo responde ao ambiente e a si mesmo, o que envolve a habilidade de diminuir ou bloquear os estímulos, como colocar fones de ouvido para reduzir o barulho ou usar óculos de sol em ambientes com luz intensa. Interesses restritos e intensos também são comuns, onde a pessoa se foca profundamente em um tema ou atividade específica, ou se concentra em números, datas, ou em certos hobbies.

Pessoas com autismo frequentemente apresentam sensibilidades sensoriais, que podem se manifestar como hipersensibilidade que são as reações intensas a sons, luzes, texturas entre outras, ou hipossensibilidade que é o reverso, ou seja, a falta de resposta a estímulos sensoriais. Essas questões sensoriais podem afetar significativamente o conforto e o bem-estar do indivíduo.

Quando se fala de socialização, saber qual é o conceito do autismo e no que consiste esse transtorno, que envolve características específicas que influenciam como as pessoas interagem e se conectam socialmente. Portanto, ao abordar questões de socialização em relação ao autismo, é essencial adotar uma abordagem empática e individualizada, criando ambientes e estratégias que promovam uma interação mais inclusiva e adaptada às necessidades dessas pessoas.

5.3 DEFICIÊNCIA

O conceito de deficiência⁹, tradicionalmente, era visto pelos profissionais da área da saúde e também pela sociedade em geral, como uma condição médica ou biológica, onde a ênfase era colocada nas limitações físicas da pessoa e também na necessidade de tratamentos para corrigir essas limitações. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU¹⁰ define deficiência como resultado da interação entre pessoas com limitações físicas, cognitivas, e as barreiras impostas pela sociedade, que dificultam a plena participação dessas

⁹ Definição encontrada em:

<https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/274.pdf>

¹⁰ Em 2008, o Brasil ratificou com status de emenda constitucional a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pelas Nações Unidas, e seu Protocolo Facultativo, utilizando pela primeira vez o §3º do artigo 5º do texto Constitucional. Na prática, é como se a Constituição Federal tivesse um capítulo inteiro dedicado às pessoas com deficiência. Foi o primeiro tratado internacional recepcionado pelo nosso país nessa condição. <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>

pessoas em distintas atividades e processos que marcam nossas vidas em igualdade de condições com as demais.

Isso abrange uma ampla gama de condições que podem incluir deficiências físicas, sensoriais, mentais e intelectuais. A deficiência física envolve limitações relacionadas à mobilidade ou a capacidade de usar partes específicas do corpo. A sensorial afeta os sentidos, como a visão, audição ou mesmo ambos. A deficiência intelectual envolve limitações no funcionamento intelectual e na forma que a pessoa consegue se adaptar ao ambiente, o que pode afetar a comunicação e a vida social da pessoa que a possui. Já a deficiência mental possui condições que afetam o comportamento, o pensamento ou o humor, como esquizofrenia, transtorno bipolar, ou depressão profunda.

No geral, o conceito de deficiência evoluiu ao longo do tempo, passando de uma visão centrada na limitação individual para uma abordagem que reconhece o papel da sociedade na criação de barreiras. Hoje, a deficiência é entendida como um resultado da interação entre as características de uma pessoa e os ambientes sociais e físicos em que elas frequentam.

Portanto, a deficiência, no caso do autismo, não deve ser vista como um obstáculo insuperável, mas sim como uma forma de ajudar as pessoas com autismo a encontrar meios de participar plenamente da vida social e alcançar seus objetivos pessoais, com o apoio e as acomodações necessárias.

5.4 SOCIALIZAÇÃO

O conceito de socialização¹¹ se refere ao processo pelo qual as pessoas aprendem e internalizam os valores, normas, comportamentos, crenças e habilidades necessárias para viver em sociedade. É por meio da socialização que

¹¹ Definição encontrada em: <https://cafecomsociologia.com/socializacao/>

elas se tornam membros funcionais de uma comunidade, compreendendo como interagir com os outros e participar da vida social.

A socialização é um processo contínuo de aprendizado e adaptação, que começa na infância e continua ao longo da vida. Durante esse processo, os indivíduos adquirem conhecimentos e habilidades sociais que os ajudam a entender como agir e interagir de acordo com as expectativas culturais e sociais que a sociedade exige.

Essa socialização ocorre por meio de diferentes agentes, instituições e grupos sociais que influenciam a formação de uma pessoa, como a família, onde se aprende normas básicas, valores e comportamentos. Outro espaço é a escola, onde as crianças e jovens são expostos a regras sociais e aprendem a interagir com seus pares e figuras de autoridade. As instituições religiosas e culturais também são fontes de socialização, onde ensinam crenças, tradições e normas morais que influenciam o comportamento e a visão de mundo de uma pessoa.

A socialização é um processo essencial para o desenvolvimento humano e para a formação da sociedade. Ela permite que as pessoas aprendam a viver em grupo para assim poder desenvolver sua identidade pessoal e social.

A socialização escolar¹² é uma parte fundamental do desenvolvimento de qualquer criança, não apenas porque envolve aprender a interagir com colegas e professores, mas também porque é nesse contexto que se aprendem normas sociais, se desenvolvem amizades e se adquirem habilidades que influenciam o futuro acadêmico e a vida adulta. Para crianças autistas, no entanto, esse processo pode ser particularmente desafiador devido às características específicas do transtorno.

5.5 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

¹² Reportagem encontrada em: <https://stnicholas.com.br/pt/conteudo/socializacao-na-educacao-infantil/>

A educação inclusiva¹³ visa garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, habilidades, deficiências ou necessidades especiais, tenham acesso a uma educação de qualidade em um ambiente escolar comum. Ela promove a ideia de que a diversidade dos alunos, incluindo aqueles com deficiências, é essencial para o ambiente educacional, em vez de ser vista como um obstáculo. O objetivo é que todos os estudantes aprendam juntos, sem segregação, em um sistema que respeite as diferenças individuais e ofereça suporte adequado para que todos possam se desenvolver plenamente.

Isso significa que as escolas devem estar preparadas para acolher e educar alunos com diferentes capacidades e necessidades. O que implica na adaptação do currículo e das metodologias de ensino para atender às necessidades de todos os alunos. Dessa forma, o processo de ensino deve incluir o uso de materiais diferenciados, estratégias de ensino diversificadas e a adaptação de avaliações para atender as diferentes necessidades de cada estudante. A educação inclusiva não se refere apenas ao acesso físico à escola, mas também à participação plena de todos os alunos nas atividades escolares e sociais em geral.

Para realmente se ter inclusão, é necessário ter a formação adequada dos professores e da equipe escolar, para que estejam preparados para lidar com a diversidade em sala de aula e saibam como adaptar seu ensino para atender às necessidades de todos os alunos. A educação inclusiva desafia as escolas a adotarem práticas pedagógicas mais flexíveis e criativas, o que pode beneficiar todos os alunos, não apenas aqueles com necessidades especiais.

O psicólogo Lev Vygotsky influenciou fortemente a visão de que o ambiente social e colaborativo é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. A educação inclusiva, sob essa perspectiva, pode ser vista como um contexto rico de aprendizagem, onde crianças de diferentes habilidades podem interagir e aprender umas com as outras.

¹³ Definição encontrada em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/HN3hD6w466F9LdcZqHhMmVq/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva%20constitui%20um,dentro%20e%20fora%20da%20escola.>

5.6 EDUCAÇÃO ESPECIAL

A educação especial¹⁴ é uma modalidade de ensino voltada para atender alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento intelectual e altas habilidades ou superdotação, que necessitam de apoio diferenciado para participar do processo educativo. Essa educação é planejada para oferecer serviços, recursos e estratégias pedagógicas adequadas a cada situação e que promovam o desenvolvimento pleno dos alunos e sua integração social, escolar e profissional.

A educação especial oferece suporte especializado para atender às necessidades específicas dos alunos, complementando o ensino regular. Isso pode incluir o uso de materiais didáticos adaptados, tecnologias assistivas, métodos de ensino diferenciados dos mais comuns e profissionais qualificados, como professores especializados, intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e diversas modalidades de terapeutas. O objetivo é oferecer recursos pedagógicos e apoio para que o aluno com deficiência possa acompanhar o currículo da educação regular de forma adequada às suas necessidades.

Um dos princípios da educação especial é a individualização do ensino, adaptando o currículo, as metodologias e as avaliações para atender às necessidades individuais de cada aluno. Isso pode envolver planos educacionais individuais (PEI), que definem metas específicas para o aluno e as estratégias para alcançá-las.

A partir da década de 1970, o conceito de educação especial começou a se aproximar de uma perspectiva mais inclusiva e abrangente. O conceito passou a se basear em uma visão que não se limitava apenas ao tratamento de deficiências, mas que também se preocupava em adaptar o ambiente educacional para as necessidades de todos os alunos.

¹⁴ Definição encontrada em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/HN3hD6w466F9LdcZqHhMmVq/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva%20constitui%20um,dentro%20e%20fora%20da%20escola.>

5.7 O JORNALISMO

A função do comunicador¹⁵ é ligar o público à informação, o jornalista é aquele que é responsável por analisar de forma crítica, coletar dados e os diversos pontos de vista dentro de um acontecimento, e também transmitir a mensagem da forma mais verdadeira possível. Mesmo que haja reflexão por parte da população a respeito dos fatos expostos, ainda cabe ao jornalista passar a informação da forma mais legítima possível.

Além do compromisso com a veracidade da informação, o jornalismo também contribui com o desenvolvimento da cidadania das sociedades, sendo a ponte entre o cidadão e seus governantes, por exemplo. E, a partir deste papel social que o jornalismo desempenha, os meios de comunicação que essa ciência desenvolve também são uma chave importante no serviço prestado à sociedade.

5.7.1 REPORTAGEM EM ÁUDIO

Reportagem¹⁶ é um gênero jornalístico que consiste em uma narrativa detalhada e aprofundada sobre um fato ou tema de interesse público, baseada em investigação, pesquisa e entrevistas. Diferente de uma notícia, que geralmente apresenta uma descrição objetiva e direta de um acontecimento recente, a reportagem explora o tema com maior profundidade, contextualizando o assunto e apresentando diferentes perspectivas a respeito do tema tratado .

As reportagens costumam seguir uma narrativa que ajuda o leitor a compreender a história em seu contexto. Elas podem incluir descrição de cenários, perfis de personagens e análises de eventos, entre outros, utilizando diferentes fontes de

¹⁵ Definição encontrada

em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/as-funcoes-de-um-jornalista/>

¹⁶ Definição encontrada em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/a-reportagem.htm>

informação, como especialistas, testemunhas, documentos, dados estatísticos e outras formas de evidências.

Um dos objetivos da reportagem é situar o leitor no contexto do acontecimento. Isso envolve explicar as causas e consequências do evento, bem como apresentar antecedentes históricos, sociais ou econômicos que ajudem a entender o tema e as implicações que estão ao seu redor. Reportagens também podem incluir fotos, vídeos, infográficos e outros recursos visuais que complementam a narrativa escrita.

Apesar das inovações tecnológicas e o surgimento de outros meios de comunicação, como a televisão, e mais recentemente, os portais de notícia na internet, o rádio - além de evoluir tecnologicamente - é ouvido por 80% dos brasileiros, segundo a pesquisa Inside Radio 2021, realizada pela empresa Kantar IBOPE Media ¹⁷. Ainda segundo o estudo, cada ouvinte brasileiro costuma passar, em média, 4 horas e 26 minutos ouvindo rádio. Muito desse sucesso da manutenção do rádio nos dias atuais é por conta da sua linguagem simples, descritiva e ao mesmo tempo objetiva em tornar os assuntos complexos de fácil compreensão para um público diverso, além da facilidade de poder escutá-lo e realizar outras atividades simultaneamente.

¹⁷ Reportagem encontrada em:
<https://kantariopemedia.com/conteudo/estudo-da-kantar-ibope-media-indica-que-consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>

6. PRODUÇÃO

6.1 PAUTA E PRÉ-PRODUÇÃO

A educação sempre foi um tema bem constante na minha jornada pessoal e acadêmica, e por isso, a definição da temática deste projeto foi de certa forma fácil. Mas, a partir da decisão de falar sobre educação e autismo, o meu primeiro passo foi buscar fontes bibliográficas que ajudassem a me aprofundar e ter mais conhecimento para abordar o tema. Pensando também na função social do jornalista, de mediar assuntos complexos que o público geral não possui acesso ou, muitas vezes, não tem interesse em buscar por mais informações.

Essa leitura bibliográfica inicial sobre educação e autismo me deu uma base inicial para pensar o objeto jornalístico da série. A partir disso, juntamente com meu orientador, comecei a definir a estrutura da minha pauta em relação a todos os episódios da produção por meio de um texto que estabelecia o objeto. Após a aprovação desse texto inicial, partimos para a elaboração de uma proposta de como estruturar os temas que eu imaginava que deveriam ser tratados para que o assunto principal fosse desenvolvido da melhor forma possível.

Em seguida, a partir do delineamento do conteúdo dos episódios, elaborei o meu perfil de fontes. Esse perfil de fontes foi definido a partir de profissionais que acreditei que seriam indispensáveis para uma maior clareza em relação aos temas e assuntos que foram previamente levantados. Depois, comecei a organizar o processo de apuração para buscar os especialistas adequados, sendo baseados na elaboração e definição desses perfis. Como psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos e professores, por exemplo.

6.2 PRODUÇÃO

A apuração durou cerca de dois meses, e nesse tempo, foram entrevistados 11 especialistas. Ao terminar esse processo, retornei a proposta do desenho da série para fazer uma revisão final antes de iniciar a roteirização. O que aconteceu após a aprovação do meu orientador para a proposta final das temáticas de cada um dos episódios e dos subtemas dentro dos episódios.

Na etapa de roteirização, houve uma revisão em relação às fontes e quais entrevistas seriam adicionadas ao roteiro, considerando o conteúdo e as falas de cada entrevistado, e o que encaixaria melhor no roteiro completo, sendo definida a mensagem ideal para cada episódio. Dessa forma, o processo de roteirização pode ser iniciado. Após a redação, o texto passou por um processo de revisão e correção feita pelo professor orientador deste trabalho.

6.3 EDIÇÃO E MONTAGEM

A definição de quais sonoras seriam usadas foi feita junto ao processo de roteirização, por esse motivo, as edições das entrevistas já haviam sido feitas e separadas em uma página no google drive. E após a aprovação dos roteiros, a próxima fase foi a gravação dos textos. A gravação dos episódios aconteceu no estúdio de áudio da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), contando com a minha voz e de duas outras pessoas, cujos nomes são: Beatriz Guimarães e Karina Nicolau.

Com as vozes e sonoras selecionadas e editadas, o próximo passo foi a montagem dos quatro episódios, contando também com a sonorização de cada um. Em seguida, foram revisados pelo professor orientador juntamente com os técnicos do estúdio de áudio. E depois disso, houve a finalização do produto.

6.4 DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS

Episódio 1 - Explica o que é o autismo e suas causas. Apresentando, em primeiro lugar, o conceito de deficiência, onde o autismo se enquadra como uma deficiência do desenvolvimento. Neste episódio, especialistas falam sobre o que é o autismo e como o transtorno gera dificuldades de comunicação, interação social e padrões repetitivos de comportamento.

Episódio 2 - Esclarece o processo de diagnóstico, onde os especialistas analisam as dificuldades que existem para se obter um laudo claro, devido as nuances e os diversos tipos de transtornos parecidos com o Transtorno do Espectro Autista. O episódio também fala sobre os tratamentos adequados para a pessoa autista e que podem ajudar na sua qualidade de vida.

Episódio 3 - Aborda a questão do direito à educação que as crianças autista possuem e como a socialização com crianças de uma mesma faixa etária ajuda no desenvolvimento das crianças autistas. Também é explicado a diferença entre a educação inclusiva e a educação especial, sendo que a educação inclusiva é um processo de inclusão de crianças com algum tipo de deficiência em escolas regulares. E a educação especial é definida por um lugar exclusivo para pessoas com deficiência. Mas, mesmo que existam diferenças significativas entre os dois tipos de educação, as duas promovem melhorias significativas na vida dos autistas.

Episódio 4 - O último episódio relata as experiências vividas por 4 crianças autistas e suas famílias, desde o processo de diagnóstico até as significativas mudanças que experimentaram em suas vidas a partir dos tratamentos realizados por cada uma delas e as transformações sofridas pelas escolas que frequentam. As mães trouxeram parte da realidade que enfrentam todos os dias e as dificuldades que encontram no decorrer do caminho.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 CONSIDERAÇÕES DA PRODUÇÃO E DO PRODUTO

Assim como todos os processos de natureza acadêmica, tanto quanto da vida em geral, o processo de realização deste produto foi trabalhoso e, em muitos momentos, cheio de obstáculos. Mas, apesar das dificuldades, produzir esta série de reportagens foi gratificante. Não apenas pelo trabalho jornalístico realizado, mas também pela maneira em que meu olhar pessoal e entendimento em relação às pessoas autistas se ampliou e se tornou mais solidário.

Falar sobre o autismo é difícil pois existem muitas variáveis sobre o assunto, tanto na forma em que o seu diagnóstico é dado, quanto na forma em que as pessoas o enxergam. Sendo que a maioria das pessoas não possuem um conhecimento básico sobre o transtorno e suas especificidades, como cada pessoa que está no espectro se comporta e porque se comporta de tal forma.

Com isso em vista, decidi trazer essa temática por acreditar que é um assunto importante, e que a vida das pessoas autistas devem ser mostradas como elas são. Difíceis, mas não impossíveis. E que existe, através de um tratamento adequado, seja através de especialistas na área ou da socialização, que é indispensável, uma forma de viver digna e com respeito para os autistas.

Ao pensar no tema pela primeira vez, a ideia era trazer um pouco da vida que as pessoas autistas e suas famílias vivem no seu dia a dia por ser um ambiente já conhecido por mim, mas não de forma profunda. E trazendo essa temática para uma reportagem jornalística, acabar também informando as pessoas sobre o que é o autismo, o que parece ser um bom caminho para o que penso ser a função de uma boa reportagem. Informar, trazer conhecimento, derrubar alguns preconceitos e mudar perspectivas.

Entretanto, este trabalho possui limitações, pois fala sobre um transtorno cheio de nuances, com crianças diferentes e com diferentes necessidades. Na perspectiva de que a ideia do projeto é mostrar que é possível que a escola ajude no tratamento e na socialização de crianças autistas, precisei entrar em contato com famílias que possuem filhos autistas e entender como a minha pauta se aplicava no dia a dia dessas famílias e como o processo de socialização dessas crianças ajudou na sua qualidade de vida.

A ideia de produzir uma reportagem em áudio foi devido ao entendimento de que a linguagem do rádio possui uma maior acessibilidade do conteúdo, por ser possível que grande parte da sociedade possa ter acesso a esta série, que possui um tema que vem sendo discutido em nossa sociedade, mas que, para as pessoas no geral, continua sendo um tabu.

No mais, me aprofundar no assunto foi recompensador, por me permitir entender mais amplamente a realidade de pessoas que possuem vidas tão diferentes das nossas, mas que ao mesmo tempo, não são tão diferentes assim. Pois, apesar das diferenças, todos possuímos dificuldades e lidamos com elas da melhor forma que conseguimos, com a ajuda daqueles em que confiamos. Sejam profissionais ou familiares.

7.2 CONSIDERAÇÕES DE NATUREZA PESSOAL

Neste projeto de produção pude trabalhar em duas áreas que possuo bastante apreço, o jornalismo e a educação. Através desta produção, pude realizar as várias facetas que um jornalista pode exercer, desde a redação da pauta até a finalização e montagem do produto em si. Além do processo da prática, pude realizar a importante função de mediação de um assunto complexo, o trazendo de forma acessível e compreensível à população.

Por fim, este trabalho é uma junção de tudo que aprendi nos anos em que passei na Universidade de Brasília, seja de maneira acadêmica e profissional, mas também de forma pessoal. Terminar esta etapa da minha vida me deixa orgulhosa de não ter desistido da conclusão desta graduação e do sonho de ser jornalista. Acredito que as palavras podem mudar realidades, e que as histórias devem ser contadas, pois podem transformar vidas. E o jornalismo e a comunicação, são uma boa forma de se fazer isso. Este trabalho também encerra um ciclo, e marca o fim de uma estação da minha vida e o início de outras. E creio que os aprendizados adquiridos na Universidade de Brasília vão ser essenciais para o restante de minha caminhada.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AM, **Associação de Amigos do Autista**. Brasília DF. Disponível em:

<https://www.ama.org.br/site/autismo/definicao/>. Acesso em: 19 Jun. 2022.

BARCELOS, J.; PEREIRA, R. **A experiência de ser sujeito: resgate do ato de contar histórias no jornalismo**. Artigo - Jornalismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste-MG), Minas Gerais, 2015.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, DF. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/431601-estudo-revela-aumento-no-numero-de-diagnosticos-de-autismo/#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,a%201%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira.>

CAMARGO, S.; BOSA, C. **Competência social, inclusão social e autismo: revisão crítica da literatura**. Artigo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Diretrizes Curriculares Nacionais: Educação básica / Brasil. Ministério da Educação. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2004.

Estudo da Kantar IBOPE Media indica que consumo de rádio aumentou e alcança 80% dos brasileiros. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudo-da-kantar-ibope-media-indica-que-consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>.

FRANÇA, P. H. **A experiência de viver a intensidade do outro com autismo na prática pedagógica**. Monografia - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

GLOBOPLAY. **Profissão Repórter - Autismo**. TV Globo, 2019. São Paulo. 1 Vídeo (38 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7706198/>. Acesso em: 23 Jun. 2022.

L. S. Vygotski e a educação inclusiva: a deficiência enquanto um problema social de F. Santos Dias de Abreu e P. L. S. Lima Martins Pedreira

MANTOAN, M. T. **Atendimento Educacional Especializado para a Deficiência Mental**. São Paulo: MEC/SEESP 2006.

SANTOS, A. L. **Quem cuida de quem cuida? Série de reportagens radiofônicas sobre economia do cuidado a sobrecarga das mulheres brasileiras**. Memorial - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2022.

SANTOS, D. **Atendimento educacional de estudantes com deficiência intelectual**. Monografia - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília - Universidade Aberta do Brasil, Carinhanha/Bahia, 2013.

SARAIVA, A. C. VICENTE C.; FERENE, V. F. **Não estou preparado: a construção da docência na educação especial**. Rev. Diálogo, Curitiba, v.10, n.31, p.648, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

9. ANEXOS

9.1 PAUTAS

Pauta inicial: Uma escola para todos: a importância da escola na socialização de crianças autistas

A inclusão de crianças que estão no espectro autista nas escolas regulares é garantido por lei, e a matrícula dessas crianças não pode ser negada, seja em escolas públicas ou particulares. Mas, o que se busca compreender, é como o atendimento educacional de crianças com deficiência ocorre. Como a construção da sua cidadania é feita e garantida.

Em análise ao currículo do curso de pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), percebi que são poucas as matérias que levam à especialização para algum tipo de deficiência. Isto posto, é notável que pouco se sabe a respeito das nuances e especificidades do autismo e como ele é tratado na prática.

Mas também entendo que para se atuar na área da educação inclusiva, mais especificamente com Transtorno do Espectro autista, é necessário conhecer as características de cada criança, mas o que tende a acontecer é a padronização dos alunos com deficiência.

Por isso e por possuir interesse na área da educação, e principalmente na educação inclusiva, acredito que seja importante entender os porquês relacionados ao baixo número de crianças autistas matriculadas em escolas públicas, e também a forma que as que já estão matriculadas são alfabetizadas pelos professores

Com este projeto, pretende-se levar informação sobre a forma que as crianças atípicas são assistidas nas escolas que frequentam e como isso é abordado no seu cotidiano fora da escola. Acredito que a comunicação é uma das chaves para que o conhecimento chegue às pessoas, e quando se fala sobre

realidades que não se possui entendimento, pode ser, similarmente, uma forma de inserção.

O objeto do podcast proposto é a socialização de crianças com autismo, principalmente no âmbito escolar, mas também nos diversos ambientes que frequentam, com uma perspectiva voltada para a rotina e o desenvolvimento da sociabilidade do dia a dia.

O projeto será uma reportagem radiofônica que irá tratar da importância da escola na socialização de crianças autistas. Ao olhar para a perspectiva da realidade das escolas brasileiras, sejam públicas ou particulares, é possível perceber que as crianças que pertencem ao espectro autista são colocadas à margem das salas de aula e até mesmo da sociedade. E por isso, este projeto de áudio será uma forma de dar voz à comunidade envolta dentro desse universo. Seja as crianças, pais, professores e pessoas que convivem com os autistas.

Por acreditar que este tema seja pouco falado fora dos muros de quem não possui essa convivência, irei tratar dos aspectos mais básicos das características do que se constitui o espectro autista. Como por exemplo, a dificuldade de interação social. Em casos contados por familiares de crianças que possuem grau elevado ou moderado, é notável a falta de conhecimento sobre o que significa ser autista. À vista disso, a abordagem do que é o autismo será aprofundada no decorrer dos episódios.

Sendo assim, intenciona a integração de personagens durante a reportagem, para que a rotina dentro do contexto escolar possa ser entendida, diante da insuficiência de dados e informações que humanizem essas crianças dentro de ambientes que as fazem pertencentes à sociedade.

Pretendo me aprofundar na rotina de crianças autistas e, através disso, mostrar aos receptores deste trabalho o que, propriamente, é a realidade dessas pessoas. O personagem que terá maior destaque no decorrer da reportagem se chama Lohan Luiz Silva Brito Dias, com nível de suporte leve, tem 9 anos e foi diagnosticado aos 3.

Lohan estuda em uma escola pública, a Escola Classe 19, que se encontra no Gama, Distrito Federal. E, apesar do seu nível de suporte ser leve, ele possui dificuldades na fala e na interação com outras crianças de sua idade. Além disso, é

perceptível o seu modo de agir em ambientes barulhentos, onde ele não consegue controlar os seus impulsos, podendo por isso, gerar uma crise.

Também serão apresentados outros lugares que possuem referência na assistência de crianças autistas, como escolas e centros de assistência psicossocial. Como a Escola Classe 405 da L2 Norte e CAPSi também da Asa Norte, esperando que, a partir das visitas a esses locais, possam ser encontrados outros personagens para a reportagem, e para ser mostrado também o que esses locais possuem de diferente no seu modo de integração.

O podcast, suporte escolhido para a realização deste trabalho, será uma narração do olhar da autora a respeito do que será testemunhado no decorrer da investigação.

O trabalho espera captar essas nuances que afetam o cotidiano de Lohan e nos demais personagens que aparecerão no transcorrer da reportagem, assim como pretende entender como as demais pessoas reagem às suas ações.

Proposta de reportagem

Pergunta fundamental da série: Como a escola ajuda na socialização de autistas.

O podcast será uma reportagem em formato de storytelling, onde será mostrado o dia a dia de crianças e adolescentes autistas, mesclado com algumas entrevistas com especialistas,

Episódio 1

Nesse episódio, pretendo introduzir o que é o autismo e como as pessoas que estão dentro do espectro costumam se comportar. Aqui especialistas serão ouvidos.

Pergunta fundamental do episódio: O que é o autismo?

- O que é o autismo?
- O que é o Transtorno do Espectro Autista?
- Qual é a causa do autismo?
- Quais são os sintomas do autismo?
- Quais são os graus de autismo?
- Como o diagnóstico de autismo é confirmado?
- Existe tratamento para o autismo?
- Autismo tem cura?
- homens e mulheres possuem a mesma chance de desenvolver autismo?
- Quais são os direitos e benefícios sociais do autista?

Especialistas que podem ser ouvidos: Fonoaudiólogos; psicólogos; terapeutas ocupacionais; assistentes sociais.

Episódio 2

Com a última pergunta do episódio anterior respondida, pretendo entrar na questão do direito à escola e também a alguns outros direitos, como o de ter um tratamento adequado para o diagnóstico. Se pretende introduzir a Escola Classe 405 Norte e o CAPSi.

Pergunta fundamental do episódio: Se a escola é um direito, por que crianças e adolescentes estão fora dela?

- Pessoas que estão no Transtorno do Espectro Autista são deficientes?
- Quais são os direitos que uma pessoa com deficiência possui?
- Qual é a lei que garante educação especializada para autistas?
- O que essa lei garante?
- Por que existem pessoas autistas que estão fora da escola?
- Como a escola dá assistência aos autistas?

- Existem professores de apoio para os autistas?
- As oportunidades são iguais para as crianças típicas e atípicas?
- Além da escola, o que pode ajudar na socialização dos autistas?
- O que é o CAPSi?
- Quais são os serviços oferecidos por eles?

Sugestão de entrevistado: Mairla, assistente social do CAPSi

Episódio 3

Neste episódio irei trazer personagens que frequentam a Escola Classe 405 e ao CAPSi, e mostrar como esses dois ambientes ajudaram na socialização dessas pessoas.

Pergunta fundamental do episódio: O que é esperado de um lugar especializado no tratamento de autistas?

- Quais são as maiores dificuldades desses ambientes em relação aos autistas?
- Como essas crianças e adolescentes chegaram aos locais?
- Quais são os tratamentos específicos que elas recebem?
- Qual é o número de autistas recebidos por esses locais?
- Os locais conseguem suprir a demanda?
- A estrutura dos locais é adequada para os receber?
- Quais são os tratamentos oferecidos pelo CAPSi?
- Quais graus de autismo são tratados?
- Como as famílias veem esses locais?

Episódio 4

Com a deixa do episódio anterior, pretendo mostrar o que as famílias acham dos serviços prestados pela escola e pelo CAPSi e como esses serviços ajudam na socialização dos seus filhos.

Pergunta fundamental do episódio: A escola ajuda na socialização de autistas?

- Há quanto tempo a criança/adolescente frequenta o local?
- Houve alguma mudança no comportamento dessa criança/adolescente?
- Quais foram essas mudanças?
- Como essa criança/adolescente se relaciona com os seus familiares?
- Como essa criança/adolescente se relaciona com os seus professores?
- Como essa criança/adolescente se relaciona com outras crianças/adolescentes?
- O que ainda precisa melhorar nos serviços oferecidos pelo local?

Sugestão de entrevistado: possíveis personagens encontrados para entrevista.

Roteiro de perguntas

Episódio 1

Com a introdução do que é o autismo e como ele é diagnosticado, serão ouvidos neuropediatras ou psiquiatras infantil.

Fontes: Caroline Gomes, psicóloga; Patrícia Parreira, neuropediatra; Rafaela Silva, psicóloga; Leilane Peres, fonoaudióloga.

1. Por que o Transtorno do Espectro Autista é diferente do autismo?
2. O que é o autismo?
3. Como o autismo é diagnosticado?
4. Por que o autismo é associado a epilepsia?
5. Quais são os sintomas do autismo?
6. Existem exames para o diagnóstico do autismo?
7. Qual é o tratamento para o autismo?
8. Como funciona a observação clínica no diagnóstico de autismo?
9. Qual é a causa do autismo?
10. Por que o autismo é mais comum em homens?
11. Quais são os exames físicos necessários para o diagnóstico?
12. O que é a coordenação multidisciplinar na avaliação da criança?
13. Quais são os graus de autismo?
14. O que é o autismo sindrômico?
15. O que é a síndrome de rett?
16. Como é considerado os casos familiares que estão associados a deficiência intelectual e como isso interfere no diagnóstico?
17. O que é a Síndrome de Asperger?
18. O que é a terapia ABA?
19. Qual é a idade ideal para o diagnóstico de autismo?
20. Quais são os relatos usuais em entrevistas diagnósticas com os pais?
21. O autismo é considerado uma deficiência?

Episódio 2

Depois de falar sobre o que é o autismo, serão abordadas as questões do direito à educação e ao tratamento adequado que uma criança e adolescente autista possui.

Educação

Fontes: Andreia Sousa; Cleide dos Santos; Tatiana Arruda.

Professor:

1. Quais são os aspectos da educação inclusiva?
2. As escolas regulares estão preparadas para receber crianças e adolescentes autistas?
3. Existem professores de suporte?
4. Se existem, eles são o suficiente para o bom funcionamento da sala de aula?
5. O que você acha das escolas especiais?
6. Existe preparação técnica dos professores para atender o autista?
7. Como o governo trata a educação inclusiva na escola?
8. Quais são as obrigações do Estado com o aluno autista?
9. As crianças autistas são atendidas individualmente ou em grupo?
10. O modelo atual da alfabetização de crianças autistas funciona na prática?
11. Como é a interação dos professores regulares junto aos professores de apoio?
12. Como é a relação da criança atípica com as crianças atípicas?
13. Como os alunos típicos se comportam na presença dos alunos atípicos?
14. Como as crianças autistas se comportam em sala de aula sem a presença de um professor de apoio?
15. As provas e tarefas são adaptadas?
16. O currículo de educação abrange crianças atípicas na sua constituição?

Professor de apoio:

1. Qual é o papel do professor de apoio em uma sala de aula?
2. O que você acha das escolas especiais?
3. Existem planos individualizados para cada aluno?
4. Existem técnicas para segurança em crises agressivas?
5. Como você lida com os alunos que possuem apego à rotina?
6. Quais são os níveis de suporte que você trabalha?
7. Existe um curso especializado para ser um professor de suporte?
8. Qual é a diferença entre um acompanhante pedagógico e um atendente especializado?
9. Como é a formação do professor de apoio?
10. Como é a interação dos professores regulares junto aos professores de apoio?
11. Como funciona a avaliação das crianças autistas?
12. Quais são as barreiras de aprendizagem da criança autista?
13. Como as crianças respondem ao ensino de apoio?
14. Quanto tempo o professor de apoio tem com cada criança autista por semana?

Tratamento

Psicólogos:

1. Como funciona a utilização da terapia ABA para o psicólogo?
2. Existe algum tipo de recompensa quando essa terapia é utilizada?
3. Qual é a função de psicólogo em uma equipe multidisciplinar?
4. Quais são as atividades ensinadas a um autista por um psicólogo?
5. Qual é a diferença do tratamento de uma criança autista e de um adolescente autista?
6. Como o profissional lida com a família do paciente?
7. A família da criança ou do adolescente também precisa de acompanhamento psicológico?

8. Como o psicólogo motiva a interação social do autista?
9. O que é a Terapia Cognitivo-Comportamental?
10. Qual é a indicação do psicólogo em caso de crises agressivas?
11. Como o psicólogo vê a importância da escola na socialização dos autistas?
12. Existem objetos que podem ser usados na terapia do autista?
13. Qual é a importância dos pais no tratamento?
14. Qual é o maior benefício que um psicólogo traz para um participante do Transtorno do Espectro Autista?

Fonoaudiólogos:

1. Qual é a importância da linguagem no Transtorno do Espectro Autista?
2. No que consiste a comunicação não verbal no autismo?
3. Existe uma forma de trabalhar a linguagem escrita com o autista?
4. Qual é a diferença para o fonoaudiólogo em relação aos níveis de suporte do Espectro autista?
5. Como é definido o tratamento individual de cada paciente?
6. Qual é o papel do fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar?
7. Como as dificuldades de fala são estimuladas?
8. Como o fonoaudiólogo atua na melhor socialização e qualidade de vida do autista?
9. Qual é a relação do fonoaudiólogo com a família do paciente?
10. Qual é a relação do fonoaudiólogo junto à escola?
11. Qual é o tratamento adequado para a audição de uma criança autista?
12. Existe um tempo mínimo para que o tratamento seja concluído?
13. Como é tratada a questão da linguagem corporal?
14. O autista possui dificuldade em entender expressões faciais e de linguagem?
15. Qual é a importância do tom de voz no tratamento do autista?

16. Como funciona a técnica da Comunicação Ampliada a Alternativa?
17. Existem grupos de tratamento ou é somente individual?
18. Qual é o maior benefício que um fonoaudiólogo traz para o participante do Transtorno do Espectro Autista?

Terapeutas ocupacionais:

1. Qual é o papel do terapeuta ocupacional no tratamento do autismo?
2. Qual é o papel do terapeutas ocupacional em uma equipe multidisciplinar?
3. Quais são as habilidades necessárias que um paciente autista precisa ter e são trabalhadas na terapia?
4. Como funciona a escolha do tratamento ideal para cada paciente?
5. As sessões são feitas individualmente ou em grupo?
6. Como o terapeuta ocupacional ajuda no processo de escrita do autista?
7. Como o terapeuta ocupacional trabalha a rotina do dia a dia com o autista?
8. Qual é a diferença do tratamento em relação a cada um dos níveis de suporte dentro do Espectro?
9. Como são avaliados os déficits de processamento sensorial da criança e do adolescente?
10. Quais são as estratégias usadas para as crises agressivas?
11. Qual é a importância do ambiente para a terapia sensorial?
12. Qual é a importância da escola no trabalho do terapeuta ocupacional em relação ao autista?
13. Qual é a relação do terapeuta ocupacional com a família do paciente?
14. Qual é a melhor dieta para o tratamento sensorial?
15. Qual é o maior benefício que o terapeuta ocupacional traz para o participante do Transtorno do Espectro Autista?

Episódio 3

Neste episódio pretendo entender as questões da estrutura de funcionamento da Escola Classe 405 Norte

Fontes: Andreia Sousa; Cleide dos Santos; Tatiana Arruda.

Diretora da escola:

1. Por que a Escola Classe 405 Norte foi definida como destaque na inclusão de autistas?
2. Quais são os profissionais que trabalham na equipe multidisciplinar da escola para o trabalho com os autistas?
3. Quantas crianças autistas estudam atualmente na escola?
4. Quais são os métodos usados para a alfabetização dos autistas?
5. Qual é o currículo da escola para a educação especial?
6. A escola possui sala de apoio?
7. Existem professores de apoio especializados no tratamento com autistas?
8. Existem estagiários que trabalham diretamente com o autista?
9. A estrutura da escola é adequada para receber a criança autista?
10. Como funciona a dieta alimentar da criança autista?
11. A escola possui brinquedos sensoriais adequados para a alfabetização do autista?
12. Qual é a relação da escola com a família da criança autista?
13. A escola consegue suprir a demanda de matrículas de crianças autistas?
14. Qual é a importância da escola na socialização dos autistas?
15. Qual é o maior benefício que a escola traz para o participante do Transtorno do Espectro Autista?

Episódio 4

Neste episódio a ideia é entrevistar os pais dos possíveis personagens e entender a relação deles com cada um dos profissionais que trabalham na tratamento de uma criança ou adolescente participante do Transtorno do Espectro Autista.

Fontes: Alzira Ribeiro; Helyne de Sousa Silva ; Tatiane da Silva Evangelista ; Michele Fabiana

Famílias:

1. Quais sintomas você percebeu no seu filho(a) antes de ser diagnosticado?
2. Com quantos anos ele/ela foi diagnosticado?
3. Qual foi o primeiro profissional buscado para dar o diagnóstico?
4. O que você sentiu antes e depois do diagnóstico?
5. Quais profissionais atuam no tratamento do seu filho(a)?
6. Qual é a sua relação com cada um deles?
7. Você faz parte das terapias que o seu filho(a) participa?
8. Você acredita que o tratamento que o seu filho(a) recebe tem sido benéfico?
9. Qual é o nível de suporte do seu filho(a)?
10. Qual é a sua relação com a escola que o seu filho(a) frequenta?
11. A escola que o seu filho(a) frequenta possui a estrutura ideal para receber uma criança/adolescente autista?
12. O seu filho(a) possui um professor de suporte individual?
13. Você consegue ver uma melhora na qualidade de vida do seu filho(a) depois que ele/ela começou a frequentar uma escola?
14. O que ainda precisa melhorar na educação oferecida à criança autista no Distrito Federal?
15. Você acha que o seu filho(a) seria melhor atendido em uma escola exclusiva para crianças autistas?
16. O que você pensa sobre a política de inclusão das escolas regulares?

17. Você acha que a escola é um fator importante para a socialização do seu filho(a) fora dela?

9.2 Roteiros

SÉRIE - UMA ESCOLA PARA TODOS: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

EPISÓDIO 1

SONORA HELYNE: DI “ENTÃO, O PRECONCEITO, ELE EXISTE. ELE EXISTE DE UMA FORMA DOLOROSA, COMO ELE EXISTE TAMBÉM DE UMA FORMA DE ENSINO, DE APRENDIZADO TAMBÉM. MAS A GENTE ENFRENTA ISSO DE CABEÇA ERGUIDA. NÉ? NESSA CONSCIÊNCIA DE QUE MUITAS VEZES O PRECONCEITO ELE É ALGO VINDO DE UMA FORMA DE QUE NÃO TEM INTERESSE DE SABER O QUE É. ESSE INTERESSE DE BUSCA...”

DF: “... MAS A GENTE ENFRENTA ISSO DE CABEÇA ERGUIDA. É O AUTISMO ELE PODE SER DEFINIDO COMO UM ATO DE AMOR. PORQUE O AUTISMO ELE NÃO É UM BICHO DE SETE CABEÇAS, VAMOS DIZER ASSIM. MUITAS VEZES A GENTE SE ASSUSTA QUANDO VEM O DIAGNÓSTICO, NÉ?”

VINHETA

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD - PIANO PEACE

CABEÇA (LOCUTOR) - EM DOIS MIL E QUINZE, A EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF SANCIONOU A LEI INTITULADA LEI BRASILEIRA DA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. O OBJETIVO DESSA LEGISLAÇÃO É ASSEGURAR OS DIREITOS DE CIDADANIA DAS PESSOAS QUE POSSUEM QUALQUER TIPO DE DEFICIÊNCIA E GARANTIR A INCLUSÃO SOCIAL DESSAS PESSOAS.

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA É AQUELA QUE POSSUI OS CHAMADOS IMPEDIMENTOS A LONGO PRAZO. ESSES IMPEDIMENTOS PODEM SER DE NATUREZA FÍSICA, COMO DIFICULTADES DE TER ACESSO A LUGARES, INTELECTUAL, COMO POR EXEMPLO, A PRIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO OU MESMO SENSORIAL, RELACIONADOS COM A AUSÊNCIA PARCIAL OU COMPLETA DOS SENTIDOS. COM ESSES SINTOMAS, AO INTERAGIR COM A SOCIEDADE, SUA PARTICIPAÇÃO PODE SER AFETADA, PODENDO NÃO TER UMA INTERAÇÃO PLENA EM IGUALDADE DE POSSIBILIDADES COM AS DEMAIS PESSOAS.

POR ISSO, É IMPORTANTE IDENTIFICAR O AUTISMO COMO UMA DEFICIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, PARA QUE OS DIREITOS DA PESSOA AUTISTA SEJAM GARANTIDOS DIANTE DA LEI E DO ESTADO.

TÉCNICA: BG MÚSICA CRIANÇAS AUTISTAS PIANO - MADALENA AJUDA

CABEÇA (LOCUTOR) - VOCÊ ACOMPANHA A PARTIR DE AGORA A SÉRIE: UMA ESCOLA PARA TODOS. UMA SEQUÊNCIA DE QUATRO EPISÓDIOS ONDE VAMOS DESCOBRIR COMO A ESCOLA ATUA NA VIDA DE CRIANÇAS AUTISTAS E NA SUA SOCIALIZAÇÃO, VAMOS SABER COMO SE DÁ O PROCESSO DE DIAGNÓSTICO E ENTENDER OS ASPECTOS QUE MARCAM O DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA.

NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO, VOCÊ VAI SABER O QUE É O AUTISMO ATRAVÉS DE EXPLICAÇÕES DE ESPECIALISTAS E TAMBÉM CONHECER O PROCESSO DO DIAGNÓSTICO DESTA SÍNDROME.

REPÓRTER 1 - O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA É UM DESEQUILÍBRIO CEREBRAL QUE TEM IMPACTO NA FORMA DE PENSAR, SENTIR E AGIR, E VEM SENDO ESTUDADO DESDE MIL NOVECENTOS E OITO, MAS, ATÉ O MOMENTO, AINDA NÃO HÁ UMA CAUSA ÚNICA QUE EXPLIQUE A EXISTÊNCIA DO TRANSTORNO.

O QUE SE SABE, COM CERTEZA, É QUE A ORIGEM DO PROBLEMA ESTÁ LOCALIZADO NO CÉREBRO, APESAR DOS PESQUISADORES NÃO IDENTIFICAREM COM CLAREZA O PROCESSO BIOLÓGICO OU MENTAL QUE CAUSA ESSA CONDIÇÃO. MESMO ASSIM, AO LONGO DESSES QUASE 120 ANOS, AS PESQUISAS JÁ CONSEGUIRAM APONTAR DIVERSOS FATORES QUE SE RELACIONAM ENTRE SI E QUE PODEM DE ALGUMAS FORMAS CAUSAR O AUTISMO.

REPÓRTER 2 - OUTRA COISA DEMONSTRADA PELA OBSERVAÇÃO QUE CIENTISTAS VÊM FAZENDO DOS AUTISTAS É QUE NEM TODOS POSSUEM REAÇÕES E MANIFESTAÇÕES DE COMPORTAMENTO IDÊNTICAS, INDICANDO QUE PODE HAVER ALGUNS TIPOS DE VARIAÇÕES NA FORMAÇÃO DOS CÉREBROS DOS AUTISTAS.

ESSAS DIFERENÇAS PODEM LEVAR A GRAUS DISTINTOS NAS ATITUDES EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS QUE ESSAS PESSOAS APRESENTAM NO SEU DIA A DIA. POR ISSO, A PALAVRA ESPECTRO REMETE A UMA INFINIDADE DE CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO, OU SEJA, CADA INDIVÍDUO PODE APRESENTAR COMPORTAMENTOS DISTINTOS, DE MANEIRA CONJUNTA OU ISOLADA, COMO EXPLICA A PSICÓLOGA CAROLINE GOMES, PÓS GRADUADA EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA O AUTISMO E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.

SONORA: DI “O FUNCIONAMENTO DO INDIVÍDUO TEM CARACTERÍSTICAS E PARTICULARIDADES DIFERENTES DAS PESSOAS DITAS TÍPICAS, NATURALMENTE O SEU MODO DE VIVER A VIDA, O MUNDO, E O OUTRO, TAMBÉM VÃO SER DIFERENTES....”

DF “... MAS É IMPORTANTES LEMBRAR QUE CADA PESSOA AUTISTA TEM SUA SINGULARIDADE. ESPECIFICAMENTE, POR ISSO CHAMAMOS DE ESPECTRO, POIS HÁ UMA GAMA DE POSSIBILIDADES DE APRESENTAÇÃO DOS SINTOMAS DO TRANSTORNO NA VIDA DAS PESSOAS.

TÉCNICA: BG MÚSICA O NOVO AUTISMO PIANO - MADALENA AJUDA

REPÓRTER 1 - O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA ATINGE CERCA DE VINTE E CINCO MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO INTEIRO, ENTRE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS.

É UMA CONDIÇÃO CEREBRAL QUE FAZ COM QUE O COMPORTAMENTO DAS PESSOAS QUE APRESENTAM O ESPECTRO SEJA DIFERENTE DA MAIORIA DAS DEMAIS PESSOAS. OS AUTISTAS VEEM, SENTEM E RESPONDEM AO MUNDO DE FORMA DISTINTA.

REPÓRTER 2 – UM BOM EXEMPLO DA MANEIRA DISTINTA DE SENTIR O MUNDO É QUE PARA ALGUNS AUTISTAS OS BARULHOS PODEM SER MUITO MAIS ALTOS E ATÉ MESMO AS LUZES MUITO MAIS BRILHANTES.

O CONTATO DO CORPO COM O TECIDO DAS ROUPAS TAMBÉM PODE INCOMODAR E FAZER COM QUE FIQUEM EMOCIONALMENTE IRRITADOS, ISSO POR POSSUÍREM UMA SENSIBILIDADE MAIOR AOS ESTÍMULOS EXTERNOS.

JÁ OUTROS AUTISTAS PODEM POSSUIR POUCA SENSIBILIDADE, E POR ISSO, ACABAM POR SE BATER, MORDER OU APRESENTAM UM COMPORTAMENTO

CONTÍNUO DE SE BALANÇAR, POR PRECISAREM DE ALGUMA COISA PARA SE SENTIREM ESTIMULADOS.

REPÓRTER 1 - O AUTISMO TAMBÉM GERA, ENTRE OUTROS SINTOMAS, A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL, COMO TAMBÉM UM PADRÃO REPETITIVO DE COMPORTAMENTOS, DE INTERESSES OU DE ATIVIDADES QUE ELES DESENVOLVEM NO SEU DIA A DIA, NA SUA VIDA COMUM.

A PSICÓLOGA CAROLINE GOMES TAMBÉM RELATA QUE POR NÃO POSSUIR UM PADRÃO ESPECÍFICO DE MANIFESTAÇÃO DE SINTOMAS, OS TRAÇOS DO ESPECTRO PODEM SER VARIADOS. POR EXEMPLO, OS AUTISTAS PODEM GOSTAR DE FAZER BARULHOS ALTOS, GIRAR O CORPO MUITO RÁPIDO OU REPETIR VÁRIAS VEZES A MESMA FRASE.

SONORA: DI “ OS PADRÕES RESTRITOS E REPETITIVOS ESTÃO LIGADOS NÃO SÓ AO COMPORTAMENTO DO AUTISTA, MAS TAMBÉM AOS SEUS INTERESSES E ATIVIDADES. OU SEJA, ESSES PADRÕES ELES PODEM APARECER EM MOVIMENTOS MOTORES NA FALA EM FORMA DE ECOLARISAS OU FALAS ESTEREOTIPADAS...”

DF: “A INFLEXIBILIDADE COGNITIVA, O FOCO EM ROTINAS RITUALIZADAS DE COMPORTAMENTO E DE FALA, ASSIM COMO OS HIPER FOCOS, COMO É MAIS DIVULGADO NO SENSO COMUM, QUE SÃO OS INTERESSES FIXOS, HÁ DETERMINADOS ASSUNTOS QUE SÃO MUITO INTENSOS E EXTREMAMENTE FOCADOS.”

TÉCNICA: BG EVERY BREATH YOU TAKE - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 2 - A MÉDICA NEUROPEDIATRA PATRÍCIA PARREIRA, DO CENTRO DE ORIENTAÇÃO MÉDICO PSIQUIATRA, UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE MENTAL INFANTIL DO GDF, EXPLICA QUE O AUTISMO FAZ PARTE DE UM GRUPO

DE CONDIÇÕES NEUROLÓGICAS E PSÍQUICAS DENOMINADO TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO.

ESSES TRANSTORNOS ENGLOBAM ALTERAÇÕES MUITO INICIAIS DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO CEREBRAL E PERSISTEM AO LONGO DE TODA A VIDA. SÃO DISTÚRBIOS QUE PODEM AFETAR A CAPACIDADE DE SENTIR AS EXPERIÊNCIAS, DE SE COMUNICAR, DE ENTENDER A LINGUAGEM ESCRITA E DE TER RACIOCÍNIO LÓGICO.

REPÓRTER 2 - SEGUNDO PATRÍCIA, ESSES TRANSTORNOS, DE MODO GERAL, SE MANIFESTAM NA PRIMEIRA INFÂNCIA, UM PERÍODO QUE VAI DO NASCIMENTO ATÉ PRÓXIMO DOS 06 OU 07 ANOS, MOMENTO ONDE O CÉREBRO É MOLDADO DE ACORDO COM AS EXPERIÊNCIAS QUE A CRIANÇA TEM E A PARTIR DO AMBIENTE EM QUE ELA CRESCE. ESSES TRANSTORNOS SÃO CARACTERIZADOS POR DEFICIÊNCIAS QUE VARIAM NO GRAU DE INTENSIDADE.

SONORA: DI “O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO OU APENAS AUTISMO CONSISTE EM UMA ALTERAÇÃO DO NEURODESENVOLVIMENTO QUE SE CARACTERIZA POR DIFICULDADE...”

DF “...QUE É PERSISTENTE NA INTERAÇÃO SOCIAL, NA COMUNICAÇÃO E PELA PRESENÇA DE COMPORTAMENTOS COM PADRÕES RESTRITIVOS E REPETITIVOS.”

TÉCNICA: BG EVERY BREATH YOU TAKE - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - AO LONGO DOS ANOS E A PARTIR DE PESQUISAS FORAM CRIADAS ALGUMAS CLASSIFICAÇÕES NA FORMA COMO O TRANSTORNO SE APRESENTA.

EM GERAL, EXISTEM TRÊS NÍVEIS DE INTENSIDADE, QUE SÃO CHAMADOS TECNICAMENTE DE GRAUS DE SUPORTE. PORÉM, ESSA NOMENCLATURA NÃO

ESTÁ EM NENHUM DOCUMENTO OFICIAL SOBRE O AUTISMO, SENDO UMA EXPRESSÃO DO SENSO COMUM E USADA ENTRE OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.

A MÉDICA NEUROPEDIATRA PATRÍCIA PARREIRA TAMBÉM EXPLICA QUE O NÍVEL DE INTENSIDADE DO AUTISMO NÃO SE DÁ APENAS PELA QUANTIDADE DE SINTOMAS, MAS TAMBÉM EM COMO ESSES SINTOMAS AFETAM A CAPACIDADE DA CRIANÇA DE SE COMUNICAR, DE INTERAGIR SOCIALMENTE E DA FLEXIBILIDADE DE ACEITAR MUDANÇAS EM SUA ROTINA.

SONORA: DI “O NÍVEL UM É AQUELA CRIANÇA QUE TEM UMA VIDA AUTÔNOMA, MAS QUE AINDA SIM APRESENTA É ALTERAÇÕES NOS CRITÉRIOS CLÍNICOS. O NÍVEL DOIS A CRIANÇA QUE JÁ TEM ALGUM TIPO DE INDEPENDÊNCIA, MAS QUE AINDA PRECISA DE ALGUM TIPO DE SUPORTE...”

DF “... PARA TER UMA VIDA AUTÔNOMA. E O NÍVEL TRÊS É AQUELA CRIANÇA QUE TEM UM DÉFICIT SEVERO E QUE PRECISA DE UM SUPORTE SUBSTANCIAL PRATICAMENTE O TEMPO TODO PARA QUE ELA CONSIGA TER UMA VIDA FUNCIONAL.”

REPÓRTER 2 - QUANDO OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SE REFEREM AOS NÍVEIS DE SUPORTE DENTRO DO AUTISMO, ELES ESTÃO FALANDO SOBRE COMO E O QUANTO O JEITO DE SER DO AUTISTA E A SUA CAPACIDADE PARA SENTIR E FAZER COISAS AFETA A SUA FORMA DE VIVER.

EXISTEM OUTRAS MANEIRAS DE SE REFERIR A ESSAS CLASSIFICAÇÕES. A MAIS COMUM É A QUE DEFINE O AUTISMO EM TRÊS TIPOS E GRADAÇÕES. O AUTISMO LEVE, O MODERADO E O SEVERO.

TODOS ESSES GRAUS DE INTENSIDADE APRESENTAM CARACTERÍSTICAS SIMILARES PARA AS REAÇÕES DOS AUTISTAS. O QUE OS DIFERENCIA SÃO AS INTENSIDADES DE COMPORTAMENTO QUE CADA PESSOA APRESENTA EM UMA DADA SITUAÇÃO.

REPÓRTER 1 - NO AUTISMO SEVERO, EM RELAÇÃO A INTERAÇÃO COM OS OUTROS, A CRIANÇA TEM DÉFICITS GRAVES NA COMUNICAÇÃO VERBAL E NA GESTUAL. GERALMENTE ESSA CRIANÇA NÃO VAI APONTAR PARA NINGUÉM, NÃO VAI DAR TCHAU OU TER UM DIÁLOGO QUE TENHA UM OBJETIVO CLARO E ESPECÍFICO.

A CRIANÇA COM AUTISMO SEVERO, QUANDO FALA, NÃO SE COMUNICA. ELA APENAS FALA, PRONUNCIA UMA IDEIA EM UMA FRASE SEM TER A INTENÇÃO DE SER COMPREENDIDA POR ALGUÉM. FALA SOZINHA POR ASSIM DIZER,

AO CONTRÁRIO DA MAIORIA DAS PESSOAS, NÃO SE PREOCUPA EM SER COMPREENDIDA. PORTANTO, SUA COMUNICAÇÃO NÃO É EFICAZ POIS NÃO PRODUZ INTERAÇÃO COM OUTRAS PESSOAS

REPÓRTER 2 - NA MAIORIA DAS VEZES, O AUTISTA SEVERO EM SUA INFÂNCIA BRINCA DE FORMA ISOLADA, EVITANDO A INTERAÇÃO COM AS DEMAIS CRIANÇAS.

FREQUENTEMENTE, AS CRIANÇAS QUE ESTÃO NO GRAU SEVERO DO AUTISMO QUEREM FAZER TODOS OS DIAS AS MESMAS COISAS, POSSUINDO POUCA FLEXIBILIDADE DIANTE DE MUDANÇAS INESPERADAS NA ROTINA.

A PSICÓLOGA CAROLINE GOMES DIFERENCIA O AUTISMO GRAVE DO AUTISMO MODERADO AO ANALISAR OS NÍVEIS DE APOIO QUE CADA PESSOA AUTISTA VAI PRECISAR AO LONGO DA SUA VIDA. SENDO O AUTISMO GRAVE O QUE PRECISA DE UM APOIO MUITO SUBSTANCIAL.

SONORA: DI “QUANDO O AUTISTA PRECISA DE APOIO EM MUITAS ÁREAS DA SUA VIDA E MESMO ASSIM, MESMO TENDO APOIO, HÁ PREJUÍZO APARENTE...”

DF “...A GENTE DEFINE COMO APOIO SUBSTANCIAL E QUANDO HÁ PREJUÍZOS GRAVES AO FUNCIONAMENTO DAQUELA PESSOA, É COLOCADO COMO EXIGINDO APOIO MUITO SUBSTANCIAL”

REPÓRTER 2 - SEGUNDO CAROLINE, O AUTISMO MODERADO É AQUELE QUE TEM NECESSIDADE DE MENOR DE AJUDA, MAS QUE AINDA PRECISA DE ALGUM TIPO DE AUXÍLIO.

GERALMENTE, AS PESSOAS QUE POSSUEM ESSE NÍVEL DE SUPORTE JÁ TEM ALGUMA CAPACIDADE DE COMUNICAÇÃO VERBAL E TAMBÉM PELOS GESTOS.

O AUTISTA MODERADO APONTA OU PUXA PELA MÃO PARA EXPRESSAR ALGUM DESEJO. PODE AINDA, TENTAR SE EXPRESSAR DIRETAMENTE PARA ALGUÉM BUSCANDO SER COMPREENDIDO, PORÉM ISSO NÃO ACONTECE DE FORMA CONSISTENTE E CONTÍNUA.

REPÓRTER 1 – NESSE QUADRO, A SUA INTERAÇÃO COM OS OUTROS AINDA É LIMITADA, MESMO COM AJUDA E DIRECIONAMENTO POR PARTE DE OUTRAS PESSOAS. SEUS INTERESSES DIANTE DA REALIDADE AINDA SÃO MUITO ESPECÍFICOS E O NÍVEL DE SUAS INTERAÇÕES É BASTANTE RESTRITO.

A CRIANÇA DE GRAU MODERADO TAMBÉM POSSUI DIFICULDADES EM LIDAR COM AS MODIFICAÇÕES INESPERADAS, MAS ESSAS DIFICULDADES NÃO CHEGAM A CAUSAR SOFRIMENTO A ELA.

REPÓRTER 2 - MAS, QUANDO SE FALA DO NÍVEL LEVE DO AUTISMO, QUASE NÃO É POSSÍVEL IDENTIFICAR SE A CRIANÇA FAZ PARTE DO ESPECTRO OU NÃO.

NA MAIORIA DAS VEZES, SÓ É POSSÍVEL TER ESSA PERCEPÇÃO QUANDO ESSA CRIANÇA AINDA NÃO FAZ NENHUM TIPO DE TRATAMENTO, SENDO QUE POR ESSE MOTIVO, SUAS DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO FICAM MAIS

PERCEPTÍVEIS. SEGUNDO A TERAPEUTA OCUPACIONAL, LEILANE PERES, O NÍVEL LEVE DO AUTISMO, OU NÍVEL UM DE APOIO, É QUANDO O AUTISTA MENOS PRECISA DE AJUDA.

NO CASO DAS CRIANÇAS, ESSA CRIANÇA PODE SER UMA CRIANÇA MAIS ISOLADA. QUE CONSEGUE BRINCAR COM OUTRAS CRIANÇAS, APESAR DE SELECIONAR COM QUEM IRÁ BRINCAR, POR EXEMPLO.

SONORA: DI “ ENTÃO, QUANTO MAIS INDEPENDENTE ELA FOR, MENOS ELA VAI PRECISAR DE AJUDA. ENTÃO MENOR VAI SER...

DF “... O GRAU DO AUTISMO. QUANTO MAIS DEPENDENTE ELA FOR, MAIOR O GRAU DE AJUDA, MAIOR O GRAU DE AUTISMO.”

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL PROMOVER A INTERAÇÃO PIANO-MADALENA AJUDA

LOCUTOR - NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO, VIMOS QUE O AUTISMO É DEFINIDO COMO UMA DEFICIÊNCIA SENSORIAL E INTELECTUAL, E QUE POR ISSO, PODE SER CONSIDERADO UM TIPO DE DEFICIÊNCIA, FAZENDO COM QUE AS PESSOAS AUTISTAS TENHAM ACESSO A DIREITOS GARANTIDOS PELO ESTADO. VIMOS TAMBÉM QUE O AUTISMO GERA DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO, INTERAÇÃO SOCIAL E TAMBÉM UM PADRÃO REPETITIVO DE COMPORTAMENTOS. ASSIM COMO OS SEUS GRAUS DE INTENSIDADE.

NO PRÓXIMO EPISÓDIO VAMOS ABORDAR COMO É DADO O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO E QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE ESSA PRÁTICA ENGLOBA. ALÉM DE MOSTRAR ALGUMAS FORMAS DE TRATAMENTO QUE PODEM AJUDAR NA QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS QUE ESTÃO NO ESPECTRO AUTISTA.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD PIANO
PEACE
FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 2

VINHETA

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD - PIANO PEACE

CABEÇA (LOCUTOR): NO PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE: UMA ESCOLA PARA TODOS, FOI DEFINIDO O QUE É O AUTISMO. VIMOS TAMBÉM UM POUCO DAS SUAS CARACTERÍSTICAS E COMO ESSAS CARACTERÍSTICAS PODEM SER

PERCEBIDAS NA FORMA COMO AS PESSOAS AUTISTAS VIVEM E SE DESENVOLVEM.

NESTE SEGUNDO EPISÓDIO, VAMOS FALAR A RESPEITO DO PROCESSO DE DIAGNÓSTICO DO AUTISMO E MOSTRAR COMO ELE É COMPLEXO E ENVOLVE A PARTICIPAÇÃO DE VÁRIOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. UM PROCESSO QUE LEVA TEMPO E EXIGE MUITA OBSERVAÇÃO PARA DEFINIR SE UMA PESSOAS TEM OU NÃO AUTISMO.

TÉCNICA: BG MÚSICA AJUDAR CRIANÇAS - MADALENA AJUDA

REPÓRTER 2 - O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO SÓ PODE SER FEITOS A PARTIR POR VOLTA DOS TRÊS ANOS IDADE, PORQUE, NORMALMENTE, A MAIORIA DOS ESPECIALISTAS DIZ NÃO SER POSSÍVEL ESTABELECEER O DIAGNÓSTICO CERTO ANTES DESSA FAIXA ETÁRIA.

O MOTIVO DISSO É QUE A MAIORIA DOS SINTOMAS E SINAIS QUE SÃO OBSERVADOS NO ESPECTRO DO AUTISMO ATÉ OS DOIS ANOS DE IDADE, ESTÁ TAMBÉM PRESENTE EM OUTROS TRANSTORNOS.

ALGUNS DESSES TRANSTORNOS SÃO: O TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE, TAMBÉM CONHECIDO PELA SIGLA TDAH.

E, POR TER SINTOMAS E CONDIÇÕES TÃO PARECIDAS, O TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E O TDAH PODEM SER CONFUNDIDOS COM O AUTISMO E ASSIM TRAZER DIFICULDADES NA DEFINIÇÃO DO DIAGNÓSTICO CORRETO.

ALGUMAS SÍNDROMES GENÉTICAS TAMBÉM PODEM SER CONFUNDIDAS COM O AUTISMO POR LEVAR A PREJUÍZOS NO COMPORTAMENTO SOCIAL, LINGUÍSTICO, MOTOR E CEREBRAL.

UMA DELAS É A SÍNDROME DE RETT, QUE É UMA MUTAÇÃO GENÉTICA RARA QUE AFETA O DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO EM MENINAS, CUJO SINTOMAS SÃO A PERDA DA COORDENAÇÃO E DA FALA, E TAMBÉM PODEM TER IRRITABILIDADE E MOVIMENTOS REPETITIVOS.

OUTRO TRANSTORNO QUE PODE SER TRATADO COMO AUTISMO É O TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL, ESSE TRANSTORNO POSSUI ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMO A RECLAMAÇÃO EXCESSIVA DA CLARIDADE, DE INTENSIDADE DOS SONS OU DE ODORES QUE TAMBÉM ESTÃO PRESENTES NO AUTISMO.

REPÓRTER 2 - ALÉM DISSO, AS DIFICULDADES OCASIONADAS PELO TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL, TAMBÉM ACABAM POR PRODUIR NAS PESSOAS, UMA CERTA DIFICULDADE PARA IDENTIFICAR AS LETRAS, FORMAS E CORES QUE SE ASSEMBELHAM ENTRE SI.

OS PACIENTES COM DIFICULDADES DE PROCESSAMENTO DE SUAS SENSações TAMBÉM PODEM EXIGIR SEMPRE UM TIPO DE COMIDA E TER RESISTÊNCIA AO CONTATO FÍSICO, COMO ESCLARECE A TERAPEUTA OCUPACIONAL LEILANE PERES, PÓS-GRADUADA EM PSICOMOTRICIDADE E ESPECIALISTA EM INTEGRAÇÃO SENSORIAL E NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA.

SONORA: DI “ENTÃO EU TENHO UMA CRIANÇA QUE PODE SER QUE A MINHA CRIANÇA AUTISTA, ELA SEJA HIPERSENSÍVEL, SENSORIAL TÁTIL, OU SEJA, QUALQUER COISINHA TEM UM INCÔMODO, ETIQUETAS DE ROUPA, É SUJEIRA NA MÃO...”

DF “... OU EU POSSO TER UMA CRIANÇA AUTISTA QUE ELA É HIPORRESPONSIVA OU ELA ESTÁ DENTRO DO LIMAR. E AÍ ELA VEM COM O COMPORTAMENTO DE PEGAR TUDO, SUJAR TUDO. ELA NÃO TEM TANTO É A MESMA SITUAÇÃO. MAS ELA TAMBÉM PODE SER QUE ELA BUSQUE BASTANTE MOVIMENTO OU PODE

SER QUE ELA NÃO BUSQUE MUITO MOVIMENTO. ISSO VAI DEPENDER DO PERFIL SENSORIAL DA CRIANÇA”

TÉCNICA: BG MÚSICA PRÉLUDE À L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE - DEBUSSY

REPÓRTER 1 - ALÉM DAS QUESTÕES SENSORIAIS E DE COMPORTAMENTOS FÍSICOS QUE GERALMENTE PODEM SER CONFUNDIDAS COM OUTRO TIPO DE TRANSTORNO, O AUTISMO PROVOCA NA GRANDE MAIORIA DOS AFETADOS A ALTERAÇÃO DO COMPORTAMENTO SOCIAL, DA DISPONIBILIDADE E DO CONFORTO EMOCIONAL QUE SENTEM EM ESTAR COM OUTRAS PESSOAS.

ASSIM, NA BUSCA POR UM DIAGNÓSTICO, O ESPECIALISTA VAI ANALISAR COM MUITO CUIDADO A CRIANÇA. ELE VAI OBSERVAR COMO ELA REAGE AO MUNDO AO SEU REDOR E NA FORMA COMO A CRIANÇA INTERAGE COM AS PESSOAS DA FAMÍLIA E TAMBÉM COM CRIANÇAS DA SUA FAIXA ETÁRIA NA ESCOLA QUE FREQUENTA.

REPÓRTER 2 - ESSAS OBSERVAÇÕES FAZEM PARTE DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DIAGNÓSTICO CLÍNICO. NESSE PROCESSO, SÃO UTILIZADOS ALGUNS RECURSOS DE PESQUISA PADRONIZADOS, COMO ENTREVISTAS, QUESTIONÁRIOS E PARÂMETROS COMPARATIVOS DE COMPORTAMENTOS ALÉM DE ESCALAS COMPORTAMENTAIS.

ALÉM DESSAS OBSERVAÇÕES, AINDA PODEM SER REALIZADAS PELOS ESPECIALISTAS AVALIAÇÕES NEUROPSICOLÓGICAS, QUE SERIAM AVALIAÇÕES QUE BUSCAM IDENTIFICAR AS ALTERAÇÕES NAS FUNÇÕES DO CÉREBRO E COMO ESSAS ALTERAÇÕES PROMOVEM CERTOS TIPOS DE COMPORTAMENTOS.

ASSIM, A ANÁLISE NEUROPSICOLÓGICA DEVE SER COMPREENDIDA COMO UMA FORMA DE ENTENDER O FUNCIONAMENTO MENTAL, COMPORTAMENTAL E EMOCIONAL DE CADA PACIENTE. ALÉM DE DESTACAR AS ÁREAS EM QUE ESSAS PESSOAS TÊM MAIS APTIDÃO OU ALGUM TIPO DE DIFICULDADE.

PORÉM, CADA AVALIAÇÃO É FEITA DE ACORDO COM A NECESSIDADE E DEMANDA DA PESSOA QUE ESTÁ SENDO AVALIADA.

TÉCNICA: BG MÚSICA PRÉLUDE À L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE - DEBUSSY

REPÓRTER 1 - A DIFICULDADE DE SE ESTABELECEER UM DIAGNÓSTICO E DE ENTENDER A PRÓPRIA ORIGEM DA DOENÇA, É PORQUE EXISTEM RAZÕES QUE NÃO PODEM SER DEFINIDAS COMO UM MODELO DE FORMA CONCRETA E PALPÁVEL, QUE SE TORNARIA PARÂMETRO DE REFERÊNCIA PARA A ANÁLISE DE QUALQUER PROFISSIONAL.

O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO É DIFERENTE DE UM EXAME COMO O DE SANGUE, POR EXEMPLO. NESSE TIPO DE EXAME UMA AMOSTRA É RETIRADA DE UMA PESSOA E A PARTIR DE VALORES DE REFERÊNCIA SÃO MEDIDAS AS DOSAGENS DE SUBSTÂNCIAS NO SANGUE E AVALIADO O QUE ELAS PODEM PRODUZIR DE RESULTADOS PARA O CORPO E ATÉ MESMO COMO PODEM GERAR DOENÇAS.

JÁ COM O AUTISMO O PROCESSO PARA EXAMINAR AS PESSOAS E MEDIR SEUS COMPORTAMENTOS SÃO MUITO MAIS COMPLEXOS E NÃO SÃO TÃO PALPÁVEIS COMO OUTRAS FORMAS DE PESQUISAR O QUE SE PASSA COM UM DETERMINADO PACIENTE.

REPÓRTER 2 - A TERAPEUTA OCUPACIONAL LEILANE PERES REITERA QUE A OBSERVAÇÃO INTENSIVA DAS AÇÕES DO PACIENTE EM DISTINTOS ESPAÇOS DE SUA VIDA AINDA É A FORMA MAIS EFICAZ DE DETERMINAR COM EXATIDÃO O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO.

SONORA DI “VAI DE ACORDO COM O QUE ELA CONSEGUE SE MODULAR DENTRO DO ESPECTRO AUTISTA. A GENTE TEM TRAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO, DIFICULDADE DE SOCIALIZAR, DE OLHAR, FAZER CONTATO VISUAL, DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO, DIFICULDADE DE IMITAÇÃO...

DF “... TAMBÉM TEMOS É COMO TRAÇO CARACTERÍSTICO A CRIANÇA QUE NÃO CONSEGUE ENTRAR NO REPERTÓRIO DO BRINCAR E QUE ELA FICA FIXADA, A GENTE CHAMA DE RIGIDEZ COGNITIVA, ELA FICA FIXADA EM UM SÓ TIPO DE TAREFA, EM UMA SÓ ROTINA. ELA TEM DIFICULDADE DE FLEXIBILIZAR.”

REPÓRTER 1 - PORTANTO, PELO FATO DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO SER COMPLEXO, E MUITAS VEZES DIFÍCIL DE SER PRECISAMENTE ESTABELECIDO PELAS COINCIDÊNCIAS COM OUTROS TIPOS DE TRANSTORNOS, ELE DEVE SER REALIZADO DE MANEIRA MULTIDISCIPLINAR E ENVOLVER PROFISSIONAIS DE DIVERSAS ÁREAS, COMO NEUROPEDIATRAS, FONOAUDIÓLOGOS E PSICÓLOGOS.

TÉCNICA: BG MÚSICA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR PIANO - MADALENA AJUDA

A NEUROPEDIATRA PATRÍCIA PARREIRA TAMBÉM EXPLICA QUE NÃO EXISTEM EXAMES ESPECÍFICOS SOMENTE PARA O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO, E ALÉM DE NÃO EXISTIR UM EXAME ESPECÍFICO PARA O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO, AS CAUSAS DO TRANSTORNO TAMBÉM NÃO SÃO TOTALMENTE CONHECIDAS.

SONORA: DI “INFELIZMENTE ATÉ O MOMENTO NÃO EXISTEM EXAMES QUE DE DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO. O DIAGNÓSTICO ELE É CLÍNICO BASEADO EM CRITÉRIOS CLÍNICO...”

DF “...EM ALGUNS CASOS PODEM SER NECESSÁRIOS EXAMES PARA DESCARTAR OUTRAS CONDIÇÕES QUE TAMBÉM PODEM LEVAR ATRASOS NO DESENVOLVIMENTO.”

REPÓRTER 2 - NO INÍCIO DOS ESTUDOS RELACIONADOS AO AUTISMO, EXISTIA MUITA CONFUSÃO EM RELAÇÃO A SUA NATUREZA, E A CRENÇA MAIS COMUM ERA QUE O TRANSTORNO FOSSE CAUSADO POR PAIS EMOCIONALMENTE DISTANTES. MAS, HOJE EM DIA, OS PESQUISADORES ACREDITAM QUE A GENÉTICA DESEMPENHA UM PAPEL IMPORTANTE COMO UMA DE SUAS CAUSAS.

AS PESQUISAS CIENTÍFICAS ATUAIS CONCENTRAM SEUS ESFORÇOS NO ESTUDO DA PREDISPOSIÇÃO DOS GENES, QUE É O PROCESSO DE ANALISAR MUTAÇÕES QUE PODERIAM CAUSAR ALGUM TIPO DE ALTERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS.

JÁ EXISTEM EVIDÊNCIAS DE QUE AS HERANÇAS GENÉTICAS EXPLICAM APENAS METADE DO RISCO DE DESENVOLVER O AUTISMO.

REPÓRTER 1 - SENDO ASSIM, O AUTISMO PODE SURTIR DEVIDO A GENÉTICA, MAS NEM SEMPRE É HEREDITÁRIO, OU SEJA, O FATO DE SER GENÉTICO NÃO QUER DIZER QUE O AUTISMO É PASSADO DE PAIS PARA FILHOS EM TODOS OS CASOS.

OS ESTUDOS MOSTRAM, QUE APESAR DE PODER SER HEREDITÁRIO, NA PRÁTICA NÃO SIGNIFICA QUE O PAI OU MÃE PRECISA SER AUTISTA PARA TER UM FILHO AUTISTA. ELES PODEM TER FILHOS COM A SÍNDROME MESMO NÃO APRESENTANDO A MANIFESTAÇÃO GENÉTICA QUE PODE OCASIONAR O PROBLEMA.

O QUE SE PODE AFIRMAR ENTÃO, É QUE O GATILHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO ESTÁ RELACIONADO DE ALGUMA FORMA COM A GENÉTICA.

HÁ TAMBÉM OUTRAS QUESTÕES QUE OS CIENTISTAS ACREDITAM QUE PODEM CAUSAR ALTERAÇÕES QUE LEVAM AO AUTISMO, COMO ALGUNS FATORES

AMBIENTAIS CONDICIONANTES QUE PODEMOS PONTUAR, COMO DOENÇAS MENTAIS MATERNAS, IDADE AVANÇADA DOS PAIS AO TEREM FILHOS, EPILEPSIA MATERNA, SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS, INFECÇÃO, ASMA, BAIXA NUTRIÇÃO E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.

TÉCNICA: BG MÚSICA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR PIANO - MADALENA AJUDA

REPÓRTER 2 - DE ACORDO COM OS PROFISSIONAIS OUVIDOS E QUE TRABALHAM NO TRATAMENTO DE PESSOAS AUTISTAS, EXISTEM COMPORTAMENTOS QUE PRECISAM SER TRATADOS COM ABORDAGENS CLÍNICAS DISTINTAS.

ESSES PROCEDIMENTOS SÃO BASEADOS EM TERAPIAS PSICOLÓGICAS DE REABILITAÇÃO QUE DEVEM SER DIRECIONADAS DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DE CADA PESSOA.

OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DESSAS TERAPIAS SÃO A MELHORIA DA FUNCIONALIDADE SOCIAL, NAS HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO E NA REDUÇÃO DOS COMPORTAMENTOS NEGATIVOS E INADEQUADOS.

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA, CONHECIDA PELA SIGLA ABA, É A INTERVENÇÃO QUE MAIS TEM SE MOSTRADO EFETIVA.

REPÓRTER 1 - BASICAMENTE, O ABA CONSISTE EM UMA ANÁLISE QUE É FEITA DO CONJUNTO DE COMPORTAMENTOS DO PACIENTE PARA ENTENDER COMO E PORQUE ESSES COMPORTAMENTOS ACONTECEM E QUAIS SÃO AS INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS RELACIONADAS A ESSAS MANIFESTAÇÕES .

A PSICÓLOGA RAFAELA SILVA, QUE TRABALHA COM A APRENDIZAGEM DE NOVAS HABILIDADES E TAMBÉM COM COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS, DIZ QUE A CRIANÇA DEVE SER SEMPRE ACOMPANHADA, PARA QUE, POR EXEMPLO, UMA

AÇÃO POSITIVA QUE ELA REALIZE SEJA VALORIZADA PELO ADULTO, E DESSA MANEIRA, A CRIANÇA POSSA APREENDER ESSE SENTIDO POSITIVO E SENTIR-SE CONFORTÁVEL PARA REPETI-LA.

AO MESMO TEMPO E NA MESMA LINHA DE APRENDIZADO É NECESSÁRIO ADQUIRIR ESTRATÉGIAS QUE FAÇAM COM QUE A CRIANÇA PERCEBA QUE UMA AÇÃO NÃO É ADEQUADA E QUE TEM CONSEQUÊNCIAS E QUE POR ISSO ELA DEVE AGIR DE OUTRA FORMA. ESSE APRENDIZADO, A PARTIR DO RECONHECIMENTO DE COMO SE AGE, É A BASE DA TERAPIA ABA.

SONORA: DI “ DENTRO DO ABA A GENTE TRABALHA É, OS COMPORTAMENTOS. GESTÃO DE COMPORTAMENTOS. ENTÃO ALGUNS COMPORTAMENTOS INAPROPRIADOS A GENTE TRABALHA, TEM A QUESTÃO DO REFORÇO, DE VOCÊ REFORÇAR ...”

DF “... POSITIVAMENTE O COMPORTAMENTO QUE A CRIANÇA TEVE QUE É UM COMPORTAMENTO QUE VOCÊ QUER QUE ELA CONTINUE TENDO ENTÃO A QUESTÃO DO REFORÇO NEGATIVO TAMBÉM, DA PUNIÇÃO EM ALGUNS MOMENTOS. ENTÃO, ASSIM A GENTE USA É A BASE DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO COM CRIANÇAS COM TEA.”

REPÓRTER 2 - POR SER UMA TERAPIA QUE TRABALHA COM COMPORTAMENTOS CONSIDERADOS INAPROPRIADOS, COMO BIRRAS, REAÇÕES QUE PODEM CAUSAR FERIMENTOS NA PRÓPRIA CRIANÇA OU NAS PESSOAS QUE ESTÃO AO REDOR, A APLICAÇÃO DA TERAPIA ABA TEM O OBJETIVO DE MODIFICAR COMPORTAMENTOS, SEJA PARA AUMENTAR A QUANTIDADE DE COMPORTAMENTOS POSITIVOS, DIMINUIR OS NEGATIVOS OU CONTROLAR O QUE ACONTECE EM EXCESSO.

REPÓRTER 1 - OUTRO TIPO DE TRATAMENTO USADO PARA OS AUTISTAS QUE NÃO POSSUEM UMA LINGUAGEM TOTALMENTE DEFINIDA OU QUE SÃO NÃO-VERBAIS É O PECS, SISTEMA DE COMUNICAÇÃO POR TROCA DE FIGURAS.

É UMA ESPÉCIE DE LINGUAGEM ALTERNATIVA QUE AUXILIA PESSOAS QUE NÃO CONSEGUEM SE COMUNICAR ATRAVÉS DA FALA, OU QUE POSSUEM MUITAS LIMITAÇÕES AO SE COMUNICAREM ORALMENTE.

ESSE SISTEMA USA A TROCA DE FIGURAS OU IMAGENS AS QUAIS A CRIANÇA TEM FÁCIL ACESSO. ESSAS FIGURAS PODEM SER RELACIONADAS ÀS ATIVIDADES DIÁRIAS, POR EXEMPLO, COM AÇÕES COMO TOMAR BANHO, ESCOVAR OS DENTES, COMER E DORMIR. SENDO QUE DESSA FORMA, ESSE SISTEMA DE LINGUAGEM ALTERNATIVA PODE PERMITIR ATÉ MESMO CONVERSÇÕES.

REPÓRTER 2 - ASSIM, COM TRATAMENTOS COMO A TERAPIA ABA E A LINGUAGEM ALTERNATIVA POR MEIO DE FIGURAS, OS SINTOMAS FREQUENTES QUE PERMEIAM A VIDA DE PESSOAS QUE ESTÃO NO ESPECTRO AUTISTA PODEM SER REDUZIDOS, MELHORANDO DESSA FORMA A SUA QUALIDADE DE VIDA.

OS TRATAMENTOS TAMBÉM SÃO VOLTADOS PARA QUE VENHAM A ADQUIRIR HABILIDADES, PODEREM SE RELACIONAR DE FORMA EFICAZ COM A SOCIEDADE, TEREM INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA.

PARA ISSO, É NECESSÁRIO QUE UMA AÇÃO TERAPÊUTICA DE MULTIDISCIPLINARIDADE EXISTA, OU SEJA, QUE OS PROFISSIONAIS, OS PAIS E OS PROFESSORES ESTEJAM DIALOGANDO E ATUANDO PARA QUE O OBJETIVO FINAL SEJA ALCANÇADO. A PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DE AUTISTAS.

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL PROMOVER A INTERAÇÃO PIANO-MADALENA AJUDA

LOCUTOR - NESTE SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE UMA ESCOLA PARA TODOS, VIMOS QUE O FATO DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO SER COMPLEXO E DIFÍCIL DE SER PRECISAMENTE ESTABELECIDO, ELE DEVE SER REALIZADO DE UMA

MANEIRA MULTIDISCIPLINAR E ENVOLVER DIVERSOS PROFISSIONAIS. TAMBÉM VIMOS QUE PODEM EXISTIR ALGUMAS ALTERAÇÕES GENÉTICAS ALGUNS FATORES AMBIENTAIS QUE PODEM LEVAR AO AUTISMO. ASSIM COMO FORMAS DE TRATAMENTOS RELEVANTES, COMO A TERAPIA ABA E O SISTEMA DE LINGUAGEM ALTERNATIVA.

NO PRÓXIMO EPISÓDIO, VAMOS FALAR SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO QUE AS CRIANÇAS AUTISTAS POSSUEM E COMO A INCLUSÃO DESSAS CRIANÇAS NA ESCOLA PODE AFETAR A SUA FORMA DE SE SOCIALIZAR E SE COMUNICAR COM AS DEMAIS PESSOAS.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD PIANO
PEACE
FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 3

SONORA: DI “ EM TODOS OS OBJETIVOS TERAPÊUTICOS, NOSSO PRINCIPAL OBJETIVO É QUE A NOSSA CRIANÇA ELA SEJA FELIZ, QUE ELA TENHA MAIS QUALIDADE DE VIDA...”

DF: “...INDEPENDENTE DE DIAGNÓSTICO. E DIAGNÓSTICO NENHUM ELE DEFINE A VIDA DA PESSOA”

VINHETA

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD - PIANO PEACE

CABEÇA (LOCUTOR) - NO EPISÓDIO ANTERIOR DA SÉRIE: UMA ESCOLA PARA TODOS: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS, VOCÊ SOUBE QUE DIAGNOSTICAR O AUTISMO É COMPLICADO E DEPENDE DE MUITA OBSERVAÇÃO E DE UM TRABALHO CLÍNICO MULTIDISCIPLINAR. E, MESMO QUE SEJA UM PROCESSO COMPLICADO E QUE NECESSITE DE DIVERSOS PROFISSIONAIS DE ÁREAS DIFERENTES, ELE É ESSENCIAL PARA QUE EXISTA UMA MELHORIA NA VIDA DAS PESSOAS AUTISTAS.

NESTE TERCEIRO EPISÓDIO VAMOS FALAR SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO QUE AS PESSOAS QUE APRESENTAM O ESPECTRO AUTISTA POSSUEM E COMO A INCLUSÃO, GARANTIDA PELA LEI, É COMPREENDIDA E VIVENCIADA NA PRÁTICA. VAMOS FALAR TAMBÉM A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DE CRIANÇAS AUTISTAS SE RELACIONAREM COM OUTROS MENINOS OU MENINAS DA MESMA IDADE E COMO ESSA INTERAÇÃO PODE TRAZER BENEFÍCIO PARA A QUALIDADE DE VIDA DO AUTISTA.

TÉCNICA: BG MÚSICA HOME - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - MESMO A EDUCAÇÃO ESCOLAR SENDO UM DIREITO ASSEGURADO PELA LEI, O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, O IBGE, DEMONSTRA QUE CERCA DE CENTO E SETENTA E OITO MIL CRIANÇAS AUTISTAS DE QUATRO A CINCO ANOS NÃO FREQUENTAVAM A PRÉ-ESCOLA NO BRASIL NO ANO DE DOIS MIL E VINTE E TRÊS.

E, PARA AS CRIANÇAS QUE POSSUEM ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA, O ACESSO A APRENDIZAGEM SE TORNA AINDA MAIS DIFÍCIL. DE ACORDO COM O CENSO ESCOLAR REALIZADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NO ANO DE DOIS MIL E VINTE E UM, HOUVE UM AUMENTO SUBSTANCIAL DE MATRÍCULAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DIAGNOSTICADOS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ESCOLAS REGULARES NO BRASIL.

MAS, APESAR DO AUMENTO, SEGUNDO EDUCADORES E TERAPEUTAS, O NÚMERO DE CRIANÇAS QUE APRESENTAM O ESPECTRO AUTISTA E QUE DEVERIAM ESTAR NA ESCOLA, É DE DOIS MILHÕES. QUASE DEZ VEZES MAIS DO QUE OS ALUNOS MATRICULADOS ATUALMENTE.

PARA PODERMOS COMEÇAR A DISCUTIR SOBRE AS CRIANÇAS AUTISTAS QUE FREQUENTAM A ESCOLA REGULAR, PRECISAMOS FALAR SOBRE O QUE É A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

TÉCNICA: BG MÚSICA HOME - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - A DEFINIÇÃO DE INCLUSÃO PODE VARIAR DE ACORDO COM O TIPO DE DEFICIÊNCIA QUE A PESSOA APRESENTA E DE QUAIS NECESSIDADES PRECISAM SER ATENDIDAS NO AMBIENTE QUE IRÃO FREQUENTAR.

POR ISSO, É PRECISO PRIMEIRO PERCEBER QUEM ESTÁ DE FORA DO PROCESSO EDUCACIONAL E QUAIS MEDIDAS PODEM E DEVEM SER TOMADAS PARA QUE ESSAS PESSOAS CONSIGAM SER INTEGRADAS NAS ATIVIDADES DE ENSINO.

NO ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E QUATRO, DE ACORDO COM A SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ERA NECESSÁRIO ADEQUAR AS CLASSES DO ENSINO REGULAR PARA PESSOAS AUTISTAS QUE POSSUÍAM CONDIÇÕES DE ACOMPANHAR E DESENVOLVER AS ATIVIDADES CURRICULARES DO ENSINO COMUM, E QUE ESTIVESSEM NO MESMO RITMO QUE OS ALUNOS DITOS NORMAIS.

MAS, APESAR DESSAS DIRETRIZES JÁ ESTABELECIDAS PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS DEFICIENTES NO ENSINO REGULAR, NO ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SEIS HOVE UMA MUDANÇA NA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO.

A MUDANÇA ACONTECEU A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DE QUE OS ALUNOS AUTISTAS ERAM SEGREGADOS POR NÃO CONSEGUIREM ACOMPANHAR A TURMA COMUM DE ENSINO. COM A MUDANÇA DA LEI, FOI DECIDIDO QUE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL DAS PESSOAS AUTISTAS, QUE NÃO CONSEGUIAM ACOMPANHAR O RITMO DE UMA TURMA COM ENSINO COMUM, DEVERIA SER FEITO EM CENTROS DE ENSINO ESPECIALIZADOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.

PORTANTO, APESAR DE A INCLUSÃO SER UM DIREITO GARANTIDO PELA LEI, FORAM INSTITUCIONALIZADOS CENTROS ESPECIAIS QUE DEVERIAM ATENDER APENAS PESSOAS QUE POSSUEM ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA.

E, MESMO QUE ESSES CENTROS ESPECIAIS DE ENSINO TENHAM UM PAPEL IMPORTANTE NO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS AUTISTAS, ELES NÃO DEIXAM DE SER UMA ESCOLA QUE SEPARA. ONDE O CONVÍVIO, A INTERAÇÃO E A TROCA DOS ESTUDANTES AUTISTAS SÃO LIMITADOS.

DESSA FORMA, TERMINAM POR NEGAR UMA MAIOR SOCIALIZAÇÃO, PROCESSO ESSENCIAL PARA QUE O AUTISTA SEJA DESAFIADO A CRESCER E A SE DESENVOLVER.

REPÓRTER 2 - ESSE DESAFIO DE SE RELACIONAR COM PESSOAS E SITUAÇÕES DIVERSAS E DIFERENTES É IMPORTANTE NO ENFRENTAMENTO DO ESPECTRO AUTISTA, AFINAL, UMA DAS BARREIRAS QUE O TRANSTORNO TRAZ PARA AS PESSOAS É A DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO E INCONSTÂNCIA DE COMPORTAMENTO. O QUE TERMINA GERANDO UMA SÉRIE DE DIFICULDADES DE APROXIMAÇÃO ENTRE ALUNOS QUE TÊM E QUE NÃO TEM AUTISMO.

ESSAS BARREIRAS ACABAM POR CRIAR UMA IMAGEM DA PESSOA AUTISTA COMO INACESSÍVEL E DE DIFÍCIL CONVIVÊNCIA. PORTANTO, A CONVIVÊNCIA DA CRIANÇA AUTISTA COM CRIANÇAS TIDAS COMO NORMAIS, É POSITIVA, AJUDANDO NA QUEBRA DE BARREIRAS DE RELACIONAMENTO TANTO PARA O AUTISTA QUANTO PARA O DE MAIS.

REPÓRTER 1 - A PSICOPEDAGOGA ANDREIA AUGUSTA DE SOUSA, QUE ATUALMENTE TRABALHA EM UMA ESCOLA PÚBLICA INCLUSIVA DE BRASÍLIA, A ESCOLA CLASSE QUATROCENTOS E CINCO DA ASA NORTE, EXPLICA QUE O SEU PAPEL COMO MONITORA DENTRO DA SALA DE AULA É O DE AJUDAR O ALUNO AUTISTA A ENFRENTAR OS OBSTÁCULOS QUE O TRANSTORNO TRAZ, CONVIVENDO DENTRO DA ESCOLA.

SONORA: “ ENTÃO ÀS VEZES A CRIANÇA COM AUTISMO ELA TEM DIFICULDADE NA SOCIALIZAÇÃO, ELA TEM DIFICULDADE DE MANTER É UMA CONVERSA, MANTER UMA RELAÇÃO DURADOURA COM OS COLEGAS, ENTÃO ÀS VEZES ELA TEM DIFICULDADE...”

DF “... DE MANTER UMA CONVERSA COM O PROFESSOR, PERGUNTAR, TIRAR UMA DÚVIDA E AÍ A GENTE VAI TRABALHANDO AQUISIÇÃO DE

COMPORTAMENTOS QUE VÃO FACILITANDO A INSERÇÃO DESSAS CRIANÇAS EM SALA DE AULA”

REPÓRTER 1 - POR CAUSA DESSAS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO, PAIS E PROFISSIONAIS PRECISAM ESTAR CIENTES DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS AMBIENTES EDUCACIONAIS, PARA ENTÃO ESTAR PREPARADOS PARA AJUDÁ-LOS NA SUA ADAPTAÇÃO DA MELHOR FORMA POSSÍVEL.

A MAIOR PARTE DOS PROGRAMAS EDUCACIONAIS PARA ESTUDANTES AUTISTAS SE BASEIAM EM AÇÕES QUE VISAM A CORREÇÃO DE COMPORTAMENTOS QUE SÃO VISTOS COMO INAPROPRIADOS E QUE MUITAS VEZES SÃO TIDOS COMO FALTA DE EDUCAÇÃO. PORÉM, A NECESSIDADE DE ATENDER AS DEMANDAS ESPECÍFICAS DE CADA ESTUDANTE TAMBÉM É UM ASPECTO IMPORTANTE QUE PRECISA SER OBSERVADO.

ENTRE ESSAS DEMANDAS ESTÃO A DIFICULDADE ORGANIZACIONAL, ONDE OS ALUNOS AUTISTAS PRECISAM DE AJUDA PARA MANTER UM AMBIENTE ARRUMADO E ORGANIZADO.

OUTRA NECESSIDADE É O TRABALHO COM A DISTRAÇÃO, PARA QUE ELES TENHAM MAIS TEMPO DE CONCENTRAÇÃO DIANTE DO ENSINO E POSSAM LIDAR MELHOR COM SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM O USO DE SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS E TAMBÉM A FALTA DE HABILIDADE EM GENERALIZAR DETERMINADAS IDEIAS.

UMA ESTRATÉGIA USADA PARA REDUZIR AS DIFICULDADES ORGANIZACIONAIS É A DE DESENVOLVIMENTO DE HÁBITOS SISTEMÁTICOS E ROTINAS DE TRABALHO.

JÁ PARA AS DISTRAÇÕES, É POSSÍVEL TRANSFORMAR O AMBIENTE ESCOLAR, DISPONDO DE MANEIRA ESTRATÉGICA MÓVEIS E OBJETOS QUE POSSAM DE ALGUMA FORMA DISTRAIR O ESTUDANTE.

COM ESSAS AÇÕES, O MONITOR PODE AJUDAR MELHOR O AUTISTA NO SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE FORMA MAIS CONCRETA E COM MELHORES RESULTADOS PARA FACILITAR O SEU DIA A DIA, COMO EXPLICA A MONITORA ANDREIA SOUSA.

SONORA: “ EU FICO EM SALA DE AULA JUNTO COM AQUELE ALUNO COM AUTISMO É FACILITANDO É O COTIDIANO DELE ESCOLAR AUXILIANDO, SE ELE TEM DIFICULDADE EM PEDIR UM MATERIAL ESCOLAR EMPRESTADO, SE ELE TEM...”

DF: “...DIFICULDADE EM PEDIR LICENÇA PARA IR AO BANHEIRO, SE ELE TEM DIFICULDADE EM MANTER UMA COMUNICAÇÃO, UM DIÁLOGO COM O PROFESSOR PARA TIRAR DÚVIDA DE UMA ATIVIDADE E ASSIM É ESSE EU TRABALHO ASSIM DA GENTE”

TÉCNICA: BG MÚSICA EVERY BREATH YOU TAKE - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 2 - ENTÃO, QUANDO ESSAS CRIANÇAS RECEBEM O SUPORTE ADEQUADO DE UM MONITOR PARA QUE DE ALGUMA FORMA POSSAM SER INCLUÍDAS NAS ATIVIDADES PROPOSTAS PELOS PROFESSORES, ELAS SE BENEFICIAM DO CONVÍVIO ESCOLAR, O QUE É IMPORTANTE PARA O SEU DESENVOLVIMENTO SOCIAL E EMOCIONAL.

COM ISSO EM VISTA, A OPORTUNIDADE DE INTERAÇÃO COM CRIANÇAS EM IDADE SEMELHANTE É UMA DAS BASES PARA O DESENVOLVIMENTO DE TODAS AS CRIANÇAS E ESSA CONVIVÊNCIA TAMBÉM PODE SER UMA PORTA DE ENTRADA PARA AUMENTAR O CONHECIMENTO A RESPEITO DAS DIFERENÇAS QUE MARCAM O AUTISTA E ASSIM DIMINUIR O PRECONCEITO CONTRA QUEM APRESENTA A SÍNDROME.

REPÓRTER 1 - E, PARA OS AUTISTAS, QUE POSSUEM DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, E, POR ESSE MOTIVO, ACABAM POR POSSUIR IMPEDIMENTOS DE DESENVOLVER RELACIONAMENTO COM OUTRAS CRIANÇAS, A CONVIVÊNCIA EM UMA ESCOLA REGULAR INCLUSIVA É UMA FORMA DE CRIAR VÍNCULOS.

O QUE PODE SER FEITO ATRAVÉS DE UMA BRINCADEIRA, ONDE OS AUTISTAS PRECISAM REALIZAR TAREFAS RELACIONADAS A IMITAÇÃO, A RECEBER COMANDOS ESPECÍFICOS E A COMPARTILHAR BRINQUEDOS E OBJETOS.

REPÓRTER 2 - A PSICÓLOGA RAFAELA SILVA EXPLICA QUE, QUANDO AS CRIANÇAS AUTISTAS ESTÃO NA ESCOLA, EM UM NOVO AMBIENTE E COM OUTRAS CRIANÇAS, ELAS SE COMPORTAM DE UMA FORMA DIFERENTE DO QUE EM UMA CLÍNICA, ONDE OS TRATAMENTOS GERALMENTE SÃO FEITOS.

RAFAELA DIZ AINDA QUE UMA CRIANÇA APRENDE POR IMITAÇÃO, ENTÃO, SE ELA ESTÁ NA ESCOLA E TODAS AS OUTRAS CRIANÇAS ESTÃO LANCHANDO NO CHÃO, MESMO QUE ELA NÃO QUEIRA, ELA TAMBÉM IRÁ SE SENTAR E LANCHAR, PORQUE TEM MAIS QUARENTA CRIANÇAS FAZENDO A MESMA COISA.

SONORA: “ENTÃO ESSA QUESTÃO DA SOCIALIZAÇÃO, DO COMPARTILHAR, SABE? DE APRENDER A DIVIDIR AS COISAS, DE APRENDER A SENTAR E ESCUTAR...”

DF: “...E ISSO É UMA COISA QUE NA ESCOLA QUANDO A CRIANÇA ENTROU NA ESCOLA MELHORA DEMAIS”

REPÓRTER 1 - NO ENTANTO, COMO JÁ FOI FALADO NO EPISÓDIO ANTERIOR, A PESSOA QUE APRESENTA O ESPECTRO AUTISTA ENFRENTA PARTICULARIDADES E POSSUEM DIFERENTES NÍVEIS DE COMPROMETIMENTO DE SUAS HABILIDADES.

ATÉ MESMO DENTRO DOS NÍVEIS DE COMPROMETIMENTO DOS AUTISTAS, HÁ DIFERENÇAS EM RELAÇÃO AOS SEUS COMPORTAMENTOS. NAS DIFICULDADES DE SOCIALIZAÇÃO, NOS PERFIS SENSORIAIS, E NAS FORMAS DE INTERAÇÃO COM O MUNDO A SUA VOLTA.

POR ISSO, SABEMOS QUE É PRECISO QUE CADA PESSOA SEJA ASSISTIDA DE FORMA PARTICULAR PARA QUE SUAS PECULIARIDADES SEJAM RESPEITADAS E QUE SEU DESENVOLVIMENTO SEJA REAL.

TÉCNICA: BG TÉCNICA: BG MÚSICA EVERY BREATH YOU TAKE - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 2 - E QUANDO SE FALA NAS DIVERSAS FORMAS DE SE ASSISTIR DE FORMA ADEQUADA UMA PESSOA QUE ESTÁ NO ESPECTRO AUTISTA, AS VEZES É NECESSÁRIO CONSIDERAR SE A ESCOLA REGULAR, MESMO QUE SEJA INCLUSIVA, É O MELHOR LUGAR PARA A CRIANÇA SE DESENVOLVER.

ASSIM, COMO DITO ANTERIORMENTE NESTE EPISÓDIO, COM A MUDANÇA DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E SEIS, EM DETERMINADAS SITUAÇÕES, É MELHOR PARA A CRIANÇA AUTISTA QUE ELA ESTUDE EM UM CENTRO ESPECIAL DE ENSINO.

REPÓRTER 1 - A PEDAGOGA E COORDENADORA DA ESCOLA QUATROCENTOS E CINCO DA ASA NORTE, TATIANA ARRUDA, ACREDITA QUE PARA SE TER UM ALUNO COM UM NÍVEL DE COMPROMETIMENTO MAIOR EM UMA ESCOLA REGULAR COMO A QUE TRABALHA, SERIA NECESSÁRIO TER UMA TURMA REDUZIDA E COM UM MONITOR PARA CADA ALUNO. E MESMO ASSIM, A QUALIDADE DO ENSINO E DA INCLUSÃO PODERIA SER PREJUDICADA.

SONORA: “ A INCLUSÃO SÓ ACONTECE DE VERDADE QUANDO HÁ QUALIDADE NÉ? PARA TODOS. NÃO SÓ O PROFESSOR COMPROMETIDO, CAPACITADO E TAL, MAS SE BOTAR UMA TURMA LOTADA SEM OS EDUCADORES SOCIAIS ... ENTÃO AS TURMAS TERIAM QUE SER REDUZIDAS COM ALUNOS ...”

DF: “...ESPECIAIS. COM NECESSIDADES ESPECIAIS, PORQUE TEM ALGUNS QUE NEM PRECISAM, MAS ALGUNS NECESSITAM DE UMA ATENÇÃO INDIVIDUALIZADA, NÉ?”

REPÓRTER 2 - PORTANTO, PARA ALGUMAS CRIANÇAS AUTISTAS COM UM NÍVEL MAIOR DE COMPROMETIMENTO, OS CENTROS ESPECIAIS DE EDUCAÇÃO ACABAM POR SE TORNAR UMA MELHOR OPÇÃO PARA QUE ELES SEJAM MELHOR ASSISTIDOS.

COMO ACONTECE COM OS ALUNOS DO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL UM DO GAMA, ONDE AS TURMAS SÃO MENORES, E POR ISSO CADA ESTUDANTE É GUIADO PARA QUE SEU DESENVOLVIMENTO OCORRA E SUA QUALIDADE DE VIDA MELHORE.

ALÉM DE POSSUIR TURMAS REDUZIDAS, OS CENTROS DE ENSINO ESPECIAL TAMBÉM POSSUEM PROFESSORES MAIS PREPARADOS PARA LIDAR COM ALUNOS AUTISTAS E ASSIM, OFERECER UM SUPORTE COM MAIS ATENÇÃO E QUALIDADE.

A PROFESSORA CLEIDE DOS SANTOS, QUE TRABALHA NO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL UM DO GAMA HÁ QUASE TRINTA ANOS, EXPLICA QUE O PROFESSOR DO CENTRO ESPECIALIZADO É DIFERENTE DO PREPARO DE UM PROFESSOR QUE TRABALHA EM UMA ESCOLA REGULAR.

CLEIDE ACREDITA QUE É COMPLICADO PARA UM PROFESSOR AJUDAR UM ALUNO AUTISTA, DANDO TODA A ATENÇÃO QUE ELE POSSA VIR A PRECISAR, E AINDA CUIDAR DOS OUTROS TRINTA ALUNOS QUE FREQUENTAM A CLASSE COMUM.

SONORA: DI “QUANDO O ALUNO CHEGA LÁ NA MAIORIA DAS VEZES O PROFESSOR NÃO TEM PREPARO, AI ELE VAI TER QUE BUSCAR UMA FORMA DE

TER ESSE PREPARO PARA ELE CONSEGUIR TRABALHAR COM ESSE ALUNO DENTRO DE UMA TURMA REGULAR QUE NORMALMENTE SÃO REDUZIDAS. MESMO ASSIM SÃO TURMAS GRANDES. VOCÊ VAI TER O ALUNO ESPECIAL DENTRO DA TURMA E VOCÊ VAI TER O GRUPO DE REGULAR DENTRO DA SALA...”

DF “... E SE ELE NÃO CORRER ATRÁS ELE NÃO VAI CONSEGUIR FAZER UM TRABALHO. AÍ FICA PERDIDO, ENTENDEU? ENTÃO ESSA É A MAIOR DIFERENÇA. PORQUE AQUI A GENTE JÁ TEM ESSE PREPARO PARA RECEBER ESSE ALUNO E NO REGULAR NORMALMENTE NÃO TEM”

TÉCNICA: BG MÚSICA EVERY BREATH YOU TAKE - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - SEGUNDO A PROFESSORA, NA MAIORIA DOS CASOS DE CRIANÇAS AUTISTAS COM UM NÍVEL DE COMPROMETIMENTO SEVERO, O CENTRO DE ENSINO ESPECIAL É O QUE AS CRIANÇAS QUE ESTÃO NO NÍVEL MAIS ELEVADO DO ESPECTRO TEM DE MAIS SOCIÁVEL.

SONORA: DI “PORQUE TEM FAMÍLIAS QUE TEM TODO O CONHECIMENTO, SABE DO QUE AQUELE FILHO PRECISA, TEM CONDIÇÕES DE OFERECER PARA ELE NÉ OUTROS ATENDIMENTOS FORA DO CENTRO, MAS A NOSSA REALIDADE AQUI É QUE A MAIORIA NÃO TEM ISSO...”

DF “... ENTÃO ASSIM, A ESCOLA, O CENTRO AINDA É O QUE ELES TEM DE MAIS IMPORTANTE, MAIS SOCIÁVEL, NÉ? DE ALGO QUE PODE OFERECER ESSE CRESCIMENTO PARA ELES, DO CONVÍVIO, DA INDEPENDÊNCIA. QUE O NOSSO OBJETIVO É QUE ELE FIQUE MAIS INDEPENDENTE”

REPÓRTER 2 - NO CENTRO DE ENSINO ESPECIAL UM DO GAMA, OS PROFESSORES TRABALHAM A INDEPENDÊNCIA DOS AUTISTAS COM UM CURRÍCULO QUE VISA A INDEPENDÊNCIA DO AUTISTA. NO CURRÍCULO É

ENSINADO COMO ESCOVAR OS DENTES, COMO IR BANHEIRO OU COMO ARRUMAR A SUA CAMA, POR EXEMPLO.

NESSE CURRÍCULO, É SEMPRE PENSADO O QUE SE DEVE FAZER PARA QUE CADA ALUNO CRESÇA INDIVIDUALMENTE E O QUE VAI FAZER A DIFERENÇA NO DIA A DIA DA CRIANÇA.

TÉCNICA DE PASSAGEM - VINHETA

LOCUTOR - NESTE TERCEIRO EPISÓDIO, ENTENDEMOS QUE, ASSIM COMO AS CRIANÇAS DITAS NORMAIS, AS CRIANÇAS AUTISTAS TAMBÉM POSSUEM DIREITO À EDUCAÇÃO, MESMO QUE APENAS UMA PEQUENA PARTE DELAS REALMENTE FREQUENTEM UMA ESCOLA. SEJA UMA ESCOLA REGULAR OU UM CENTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. PERCEBEMOS TAMBÉM QUE EXISTEM DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A EDUCAÇÃO ESPECIAL, E QUE, DE FORMAS DISTINTAS, AS DUAS PROMOVEM MUDANÇA E CRESCIMENTO NA FORMA COMO OS AUTISTAS SE COMUNICAM E SE DESENVOLVEM NO SEU DIA A DIA. VIMOS A NECESSIDADE QUE OS AUTISTAS TEM DE CRIAR VÍNCULOS COM OUTRAS CRIANÇAS DE IDADES SEMELHANTES E COMO ISSO TAMBÉM PODE MELHORAR SUA QUALIDADE DE VIDA.

NO PRÓXIMO EPISÓDIO, VAMOS FALAR SOBRE COMO AS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS AUTISTAS LIDAM COM A CONDIÇÃO QUE OS SEUS FILHOS SE ENCONTRAM E COMO A ESCOLA INTERFERE NISSO. TAMBÉM VAMOS FALAR SOBRE COMO OS PAIS SE SENTEM AO LIDAREM COM O AUTISMO, AS BARREIRAS E TAMBÉM AS POSSIBILIDADES QUE ENCONTRAM NO CAMINHO.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD PIANO PEACE

FICHA TÉCNICA

EPISÓDIO 4

SONORA: DI “ELA FOI COM COM ELE NO PEDIATRA, NA SALA DE ESPERA DE OUTRAS CRIANÇAS BRINCANDO. E AÍ ELE FOI, BRINCOU UM POUQUINHO, ENTÃO, MAS FICOU ASSIM DE LADO, NÉ? E ELA OBSERVANDO. E AÍ UMA DAS MENINHAS QUE ESTAVA LÁ CHEGANDO ELA FALOU: NOSSA, O QUE ELE TEM?...”

DF “... QUE EU ESTOU FALANDO COM ELE, ELE NÃO ME ESCUTA, ELE NÃO OLHA PRA MIM. AÍ ELA FALOU QUE ALI QUE CAIU A FICHA QUE O FILHO DELA É TEA. QUE LÁ NA CLÍNICA ELE É FUNCIONAL ELE MEIO QUE SE DESTACA EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS CRIANÇAS. ELA FALOU QUE ALI QUE CAIU A FICHA DELA. ISSO DEPOIS DE TRÊS ANOS”

VINHETA

TÉCNICA: BG MÚSICA INSTRUMENTAL A WHOLE NEW WORLD - PIANO PEACE

CABEÇA (LOCUTOR) - EXISTE UM VELHO PROVÉRBIO AFRICANO QUE DIZ QUE É NECESSÁRIO UMA ALDEIA INTEIRA PARA SE CRIAR UM FILHO. MAS, QUANDO O FILHO É UMA CRIANÇA AUTISTA, É MAIS PROVÁVEL QUE OS PAIS DESSA CRIANÇA SEJAM OS ÚNICOS DISPOSTOS A LIDAREM COM ELA.

O TERMO: “MATERNIDADE ATÍPICA” SURTIU PARA DAR MAIS VISIBILIDADE PARA AS MULHERES QUE CUIDAM DE PESSOAS QUE POSSUEM ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA, TRANSTORNO OU SÍNDROME RARA. ESSE DESCOBRIR DA PATERNIDADE E DA MATERNIDADE ATÍPICA SERIA COMO PLANEJAR UMA VIAGEM EM GRUPO, MAS TEM SURPRESAS NO CAMINHO. IMAGINE QUE VOCÊS DECIDIRAM IR A ALEMANHA. LERAM TUDO SOBRE O DESTINO, PENSARAM EM UM ROTEIRO E EM QUAIS PONTOS TURÍSTICOS IR E APRENDERAM O IDIOMA E A CULTURA DO PAÍS.

E, QUANDO A CRIANÇA NASCE, SERIA O MESMO QUE DESEMBARCAR NESSA VIAGEM PLANEJADA. MAS, AO CHEGAR LÁ, VOCÊ DESCOBRE QUE ESTÁ NO JAPÃO UM LUGAR BEM DIFERENTE DO IMAGINADO. ONDE OS COSTUMES E O IDIOMA SÃO OUTROS. UM PAÍS TOTALMENTE DIFERENTE DAQUELE QUE VOCÊS SONHAVAM EM VISITAR. E AGORA VOCÊ ESTÁ SOZINHA, NÃO MAIS EM GRUPO. ESSA É UMA MATERNIDADE QUE NINGUÉM QUER, QUE NINGUÉM VÊ E QUE NINGUÉM OUVI.

NESTE QUARTO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE: UMA ESCOLA PARA TODOS, VAMOS TE APRESENTAR QUATRO CRIANÇAS AUTISTAS E SUAS REALIDADES. VAMOS OLHAR DE PERTO A ESTRADA QUE ELES E SUAS FAMÍLIAS JÁ TRILHARAM ATÉ AGORA.

TÉCNICA: BG MÚSICA LULLABYE (GOODNIGHT, MY ANGEL) - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - ANANDA LETÍCIA TEM NOVE ANOS E FOI DIAGNOSTICADA COM AUTISMO LEVE E COM O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE AOS OITO ANOS DE IDADE.

SUA MÃE, A SERVIDORA PÚBLICA ALZIRA RIBEIRO, CONTA QUE FOI A PSICÓLOGA QUE A ACOMPANHAVA NA ESCOLA QUEM TEVE UMA PRIMEIRA DESCONFIANÇA SOBRE O DIAGNÓSTICO DE AUTISMO.

APÓS ESSE PRIMEIRO MOMENTO, ANANDA PASSOU POR UMA SÉRIE DE AVALIAÇÕES PRODUZIDAS POR UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL. O DIAGNÓSTICO DE AUTISMO FOI CONFIRMADO POR UMA NEUROPSICÓLOGA.

SONORA: DI “SÓ O DIAGNÓSTICO EU ACHO QUE QUE TEM SIDO BENÉFICO PORQUE A GENTE NO MEU CASO COMO O AUTISMO DELA É LEVE, A VISÃO QUE EU TINHA ERA DE SER UMA PESSOA DIFÍCIL, NÉ? NÃO IMAGINAVA QUE TINHA ESSE PROBLEMA DO AUTISMO...”

DF “...EU ACREDITAVA SÓ QUE ELA ERA UMA CRIANÇA DIFÍCIL E NÃO QUE TIVESSE DIAGNÓSTICO. ENTÃO SÓ A QUESTÃO DO DIAGNÓSTICO PARA MIM JÁ ME FEZ OLHAR COM OUTROS OLHOS A CONDIÇÃO DELA, NÉ?”

REPÓRTER 2 - A TERAPEUTA OCUPACIONAL LEILANE PERES, QUE TRABALHA COM A TERAPIA FAMILIAR. ESSA TERAPIA É UM MÉTODO DE ANÁLISE QUE RECONHECE A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E QUE A COLOCA COMO OBJETO CENTRAL DO TRATAMENTO DE PESSOAS AUTISTAS. ESSE MÉTODO ASSEGURA UMA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS FAMILIARES DE CRIANÇAS AUTISTAS DURANTE O TRATAMENTO INTERDISCIPLINAR, PERMITINDO QUE ESSES PAIS TENHAM MAIOR COMPREENSÃO DE COMO AJUDAR SEUS FILHOS.

PORQUE, EM MUITOS CASOS, COMO O DE ALZIRA, OS PAIS OLHAM PARA OS SEUS FILHOS E NÃO ENTENDEM A RAZÃO DE AGIREM DA MANEIRA DISTINTA QUE AGEM DOS DEMAIS.

LEILANE EXPLICA QUE OS PROFISSIONAIS AO TRATAREM OS AUTISTAS TAMBÉM PRECISAM PENSAR NOS PAIS DA CRIANÇA, NAS SUAS FRUSTRAÇÕES E

SENTIMENTOS, E EM COMO ESSES PAIS VÃO LIDAR COM A DESCOBERTA DE QUE OS SEUS FORAM DIAGNOSTICADOS E ESTÃO NO ESPECTRO AUTISTA.

SONORA: DI “ENTÃO A GENTE TEM QUE CONSIDERAR TAMBÉM ESSAS FRUSTRAÇÕES. ENTÃO EU SEMPRE TRAGO UM ACOLHIMENTO PARA DENTRO DA SESSÃO. EU CONVERSO COM OS PAIS, TENTO MOSTRAR PARA ELE COMO QUE ELES...”

DF “...DEVEM FAZER EM CASA, COMO QUE DEVE SER A CONDUTA EM CASA QUE A GENTE TENHA UMA VIDA MAIS FUNCIONAL PARA OS PAIS E PARA AS CRIANÇAS. PARA QUE SEJA MAIS HARMONIOSA”

REPÓRTER 1 - ALZIRA ESCLARECE QUE A SUA FILHA FAZ TRÊS TIPOS DE TERAPIAS ATUALMENTE: O ACOMPANHAMENTO COM PSICÓLOGO, COM FONOAUDIÓLOGO, COM UMA PSICOPEDAGOGA E TAMBÉM FREQUENTA SESSÕES DE MUSICOTERAPIA.

ELA DIZ QUE É NECESSÁRIO QUE OS PAIS E OS PROFISSIONAIS SEMPRE CONVERSEM SOBRE AS TERAPIAS QUE ESTÃO SENDO DESENVOLVIDAS E OS RESULTADOS ALCANÇADOS, PORQUE, SEGUNDO ALZIRA, NÃO ADIANTA FAZER AS TERAPIAS NA CLÍNICA E EM CASA NÃO TER UM ACOMPANHAMENTO DOS COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA.

ALZIRA RELATA QUE ÀS VEZES É NECESSÁRIO PEDIR AOS PROFISSIONAIS QUE TRABALHEM ALGUMA SITUAÇÃO OU COMPORTAMENTO ESPECÍFICO NEGATIVO QUE ELA TENHA PERCEBIDO, COMO UM IMPULSO FINANCEIRO DESCONTROLADO, OU TAMBÉM EM RELAÇÃO ÀS EMOÇÕES DE ANANDA, POR EXEMPLO.

ELA REFORÇA QUE AS ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS QUE OS PROFISSIONAIS DÃO AJUDARAM MUITO NA MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DA SUA FILHA.

SONORA: DI “ E AS MELHORIAS QUE TEVE DURANTE ESSE PROCESSO DE ACOMPANHAMENTO SÃO INCONTÁVEIS...A DIFERENÇA COMPORTAMENTAL. PORQUE ANTES DESSAS TERAPIAS MAIS DIRECIONADAS, PARECE QUE A FALTA DE CONTROLE EMOCIONAL ERA BIZARRO. AS BRIGAS COM A IRMÃ, PRINCIPALMENTE ERA DIÁRIO E O DIA INTEIRO,. E AÍ A GENTE COMEÇOU A TRABALHAR ESSAS QUESTÕES DE TENTAR TRATAR O CONTROLE EMOCIONAL...”

DF “... E PRATICAMENTE JÁ ACABARAM ESSAS BRIGAS PORQUE PARECE QUE COM O TRATAMENTO MAIS DIRECIONADO, VAI TRABALHANDO REALMENTE AS DIFICULDADE QUE ELA TEM, A GENTE TAMBÉM VAI PERCEBENDO AS DIFICULDADES QUE ELA TEM, E VAI APRENDENDO A LIDAR COM ELAS. AÍ TANTO PAI, MÃE, IRMÃ, PROFESSORES TAMBÉM, ENTÃO COMO UM TODO, FACILITOU DEMAIS. A GENTE PERCEBE QUE FACILITOU DEMAIS PARA NÓS E PARA ELA TAMBÉM. PORQUE ELA TEM ESTADO ATÉ MAIS CALMA”

REPÓRTER 2 - ANANDA ESTÁ NO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E ESTUDA EM UMA ESCOLA QUE SUA MÃE ACREDITA SER BASTANTE INCLUSIVA, POIS FOI NESSA ESCOLA QUE FOI COGITADA A POSSIBILIDADE DE QUE A JOVEM TIVESSE AUTISMO.

COMO ESTUDA EM UMA TURMA COM POUCAS CRIANÇAS, ELA NÃO POSSUI UM MONITOR INDIVIDUAL, MAS FAZ UM REFORÇO ESCOLAR SEMANALMENTE.

TÉCNICA: BG MÚSICA LULLABYE (GOODNIGHT, MY ANGEL) - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - LOHAN LUÍS, DE DEZ ANOS, ESTÁ NO NÍVEL MAIS LEVE DO ESPECTRO DO AUTISMO. ELE TEM 10 ANOS E FOI DIAGNOSTICADO AOS TRÊS E ESTÁ, PELA SEGUNDA VEZ, NO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. ATUALMENTE, LOHAN SÓ TEM TIDO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NA ESCOLA.

SEGUNDO SUA MÃE, HELINY DE SOUSA SILVA, O SEU RELACIONAMENTO COM A PSICÓLOGA E COM A EQUIPE COMPLEMENTAR DA ESCOLA É UMA RELAÇÃO DE TROCA, ONDE EXISTE AJUDA DE AMBAS AS PARTES.

HELINY EXPLICA QUE HÁ COMUNICAÇÃO ENTRE ELA E A ESCOLA PARA QUE SAIBAM COMO É A SITUAÇÃO DE SEU FILHO NO DECORRER DA SEMANA, NA ESCOLA E TAMBÉM EM CASA, E SOBRE AS POSSÍVEIS ALTERAÇÕES EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS QUE VENHAM A OCORRER.

REPÓRTER 2 - HELINY CONTA QUE ANTES DO DIAGNÓSTICO, LOHAN HAVIA PARADO DE FALAR. E QUE OS TRATAMENTOS O AJUDARAM MUITO NESSA QUESTÃO.

SONORA: DI “ENTÃO A FONOAUDIÓLOGA FOI ALGO QUE AJUDOU MUITO. HOJE O LOHAN CONSEGUE FALAR PALAVRAS MAS EXTENSAS, NÉ? UMA CONVERSA MAIS AMPLA, ELE CONSEGUE CANTAR TRECHINHOS DE MÚSICAS. DE UMA FORMA QUE NÓS CONSEGUIMOS ENTENDER, DE UMA FORMA QUE A GENTE COMPREENDE. ENTÃO...”

DF “...FORA ISSO OS DEMAIS, A TERAPIA OCUPACIONAL AJUDOU TAMBÉM MUITO O LOHAN EM VÁRIOS SENTIDOS. ENTÃO ESSE ACOMPANHAMENTO QUE ELE TEVE FOI MUITO BENÉFICO NA VIDA DELE”

REPÓRTER 1 – LOHAN FREQUENTA A MESMA ESCOLA DESDE O PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, E PARA A SUA MÃE, A EQUIPE ESCOLAR SOUBE TRABALHAR MUITO BEM A QUESTÃO DA INCLUSÃO.

HELINY RESSALTA QUE APESAR DE TER ÓTIMOS PROFISSIONAIS E SER UMA ESCOLA INCLUSIVA, LOHAN NÃO TEVE O PRIVILÉGIO DE TER UM MONITOR INDIVIDUAL PARA AJUDÁ-LO NAS AULAS.

SONORA: DI “ENTÃO ASSIM INFELIZMENTE O LOHAN NÃO TEVE MONITOR INDIVIDUAL PARA ELE. GRAÇAS A DEUS ELE TEVE PROFESSORAS MUITO BOAS E SOUBERAM LIDAR COM ELE AJUDANDO ELE NO DESENVOLVIMENTO...”

DF “ TENDO COMPREENSÃO, SABE? TENDO UMA TROCA MUITO BOA QUE AJUDOU O LOHAN. EU ACREDITO QUE COM O MONITOR ELE PODERIA TER DESENVOLVIDO MAIS RÁPIDO, TALVEZ, NÉ? MAS INFELIZMENTE ELE NÃO TEVE ESSA POSSIBILIDADE”

REPÓRTER 2 - HELINY EXPLICA QUE LOHAN ERA UMA CRIANÇA QUE NÃO ACEITAVA NENHUM TIPO DE APROXIMAÇÃO COM OUTRAS PESSOAS E NÃO TINHA O HÁBITO DE DAR ATENÇÃO AO QUE ERA FALADO AO SEU REDOR.

MAS HOJE PASSADOS X ANOS JÁ BUSCA DENTRO DO AMBIENTE QUE FREQUENTA SER MAIS PARTICIPATIVO, BUSCA POR BRINCADEIRAS E ELE MESMO ACABA POR CHAMAR AS OUTRAS CRIANÇAS PARA SE REUNIREM.

SONORA: DI “ ENTÃO ASSIM, SÃO COISAS ASSIM QUE O TRATAMENTO EM SI AJUDOU BASTANTE ELE. SE ELE NÃO TIVESSE ESSE TRATAMENTO, A QUALIDADE DE VIDA DELE NÃO SERIA ESSA, NÉ? EU TENHO CERTEZA QUE NÃO. PORQUE ELE JÁ ESTAVA VIVENDO NO MUNDO DELE, NA SITUAÇÃOZINHA DELE ALI EM QUE ELE NÃO FICAVA LIGADO NO QUE A GENTE FALAVA, NÃO PRESTAVA ATENÇÃO, NÃO ACEITAVA UMA APROXIMAÇÃO, UM CONTATO...”

DF “... E O TRATAMENTO EM SI DESENVOLVEU MUITO ELE A TER ESSA QUALIDADE DE VIDA . NO ENTANTO O QUE ELE BRINCA, ELE JOGA BOLA, ELE JOGA FUTEBOL, ELE ESTÁ NO MEIO DOS AMIGUINHOS ALI, ELE PARTICIPA, CRIANÇAS CHAMA ELE, ELE ACEITA. ENTÃO ASSIM, O TRATAMENTO FOI ESSENCIAL”

TÉCNICA: BG MÚSICA LULLABYE (GOODNIGHT, MY ANGEL) - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - A PROFESSORA TATIANE DA SILVA EVANGELISTA, ASSIM COMO HELINY, PERCEBIA DIVERSOS SINTOMAS DO AUTISMO NA SUA FILHA, ISIS ZIMMERMAN DE DEZ ANOS DE IDADE.

O LAUDO DE ISIS FOI DADO POR UMA NEUROPEDIATRA QUANDO ELA TINHA QUATRO ANOS. TATIANE EXPLICA QUE O PRIMEIRO PASSO QUE DEU APÓS RECEBER O DIAGNÓSTICO DO AUTISMO FOI O DE RECORRER ÀS TERAPIAS COMPORTAMENTAIS.

TATIANE EXPLICA QUE COM O DIAGNÓSTICO TEVE RESPOSTA PARA VÁRIAS PERGUNTAS E PARA VÁRIOS COMPORTAMENTOS QUE A FILHA TINHA, E QUE HOJE SABE QUE VEM DO AUTISMO.

ISIS ESTÁ NO QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E RECEBEU O DIAGNÓSTICO DE AUTISMO LEVE.

SONORA: DI “O ENCAMINHAMENTO FOI TERAPIAS COM FONO, COM PSICOPEDAGOGO, TO E ASSIM FOI. HOJE JÁ FAZ SEIS ANOS QUE MINHA FILHA...”

DF “... FAZ TERAPIAS COMPORTAMENTAIS PARA AJUDAR. NESSES COMPORTAMENTOS ATÍPICOS DO AUTISMO. A SOCIALIZAÇÃO, O EQUILÍBRIO E A FRUSTRAÇÃO”

REPÓRTER 2 - TATIANE CONTA QUE APÓS O INÍCIO DOS TRATAMENTOS ELA CONSEGUIU VER MUITA MELHORA NO COMPORTAMENTO DE SUA FILHA.

ELA EXPLICOU QUE AS TERAPIAS TROUXERAM EQUILÍBRIO PARA A SUA VIDA E DIMINUÍRAM A FRUSTRAÇÃO QUE ELA COSTUMAVA SENTIR QUANDO HAVIA ALGUMA MUDANÇA DE ROTINA.

TÉCNICA: BG MÚSICA LULLABYE (GOODNIGHT, MY ANGEL) - THE PIANO GUYS

REPÓRTER 1 - A DONA DE CASA MICHELE FABIANA DE SOUZA, AO RECEBER O DIAGNÓSTICO DA REBECA QUEIROZ, SUA FILHA DE NOVE ANOS, NÃO FICOU SURPRESA, POIS JÁ DESCONFIAVA QUE ELA TINHA A SÍNDROME DO ESPECTRO AUTISTA.

MICHELLE CONTA QUE DECIDIU PROCURAR UM PROFISSIONAL POR PERCEBER A FALTA DE INTERESSE DA FILHA NA INTERAÇÃO COM OUTRAS CRIANÇAS, INCLUSIVE COM O SEU IRMÃO GÊMEO.

SONORA: DI “ ENTÃO, EU NÃO FIQUEI MUITO PRESA A PALAVRA AUTISMO. EU QUERIA QUE ELA SE DESENVOLVESSE E SE SOCIALIZAR. PORQUE TINHA QUE BRINCAR... ELA TEM UM IRMÃO QUE É GÊMEO, ENTÃO ASSIM, NÃO TINHA INTERESSE NEM PELO IRMÃO. PORQUE NA ÉPOCA A GENTE NÃO TINHA PARENTE POR PERTO, E NÃO TINHA MUITOS AMIGOS COM FILHO PEQUENO...”

DF “...ENTÃO A QUESTÃO ERA FAZER COM QUE ELA SE DESENVOLVESSE, QUE ELA TIVESSE INTERESSE POR BRINCADEIRAS, NÉ? E ASSIM PARA DESENVOLVER NORMAL COMO TODA CRIANÇA”

REPÓRTER 1 - REBECA É UMA AUTISTA NÃO VERBAL. ISSO SIGNIFICA QUE ELA QUASE NÃO SE COMUNICA ATRAVÉS DA FALA E DE GESTOS.

POR ISSO, AO INICIAR O TRATAMENTO PARA CRIANÇAS AUTISTAS, SUA MÃE SE PREOCUPOU QUE ELA NÃO CONSEGUISSE DESENVOLVER UMA MELHOR COMUNICAÇÃO, POIS ACREDITAVA QUE REBECA NÃO IRIA PROGREDIR DE FORMA ALGUMA.

MICHELE DIZ QUE QUERIA QUE A FILHA PUDESSE TER UM MAIOR DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÃO A FALA, QUE PUDESSE SE COMUNICAR MELHOR. O QUE AINDA NÃO ACONTECEU.

ELA DIZ QUE OS RESULTADOS TÊM SIDO BEM LENTOS NO QUE SE REFERE A SUA VERBALIZAÇÃO, MAS QUE, APESAR DISSO, REBECA JÁ SABE LER E ESCREVER, O QUE ERA ALGO QUE OS SEUS PAIS NÃO ESPERAVAM QUE ACONTECESSE.

MICHELE AFIRMA TER CONTATO FREQUENTE COM A PROFESSORA REGULAR DE REBECA, MAS QUE O SEU CONTATO MAIOR É COM A SUA PROFESSORA DE APOIO, QUE A ACOMPANHA EM SALA DE AULA.

ELA EXPLICA QUE A ESCOLA QUE REBECA FREQUENTA POSSUI PROFESSORES QUE SÃO BEM-PREPARADOS, ALÉM DE SER UM LUGAR QUE QUE A FILHA PODE SE RELACIONAR COM CRIANÇAS DA MESMA FAIXA-ETÁRIA.

SONORA: DI “ PORQUE LÁ ELA TEM OS AMIGOS DA MESMA FAIXA-ETÁRIA. EMBORA NÃO TENHA ESSA TROCA. COMO EU DISSE, DE SOCIALIZAÇÃO, POR CONTA DO AUTISMO QUE TRAVA ISSO MESMO, ...”

DF “... EU PERCEBO QUE CONSEGUI HOJE OBSERVAR OUTRAS CRIANÇAS OU É ALGUMA BRINCADEIRA QUE TEM NA ESCOLA PELO MENOS EM CASA ELA TENTA REFAZER, MAS PORQUE VIU NA ESCOLA”

LOCUTOR - NESTE QUARTO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE: UMA ESCOLA PARA TODOS, FOMOS APRESENTADOS A QUATRO CRIANÇAS AUTISTAS E SUAS MÃES E VIMOS COMO ELAS LIDARAM COM O AUTISMO DESDE O PROCESSO DE DIAGNÓSTICO ATÉ AS MELHORAS SIGNIFICATIVAS QUE SEUS FILHOS VIVENCIARAM A PARTIR DOS TRATAMENTOS ADEQUADOS E DA ESCOLA QUE FREQUENTAM.

A SÉRIE MOSTROU QUE O ESPECTRO DO AUTISMO, UM TRANSTORNO QUE AFETA PRINCIPALMENTE A COMUNICAÇÃO E A SOCIALIZAÇÃO DAS PESSOAS QUE APRESENTAM O PROBLEMA, É UMA QUESTÃO DIFÍCIL DE SER COMPREENDIDA E QUE DEVE SER ANALISADA E DIAGNOSTICADA DE FORMA CORRETA POR PROFISSIONAIS QUALIFICADOS. MOSTROU TAMBÉM QUE ESSA

PESSOAS PRECISAM APENAS DE APOIO, CADA UMA EM SEU NÍVEL, PARA QUE POSSAM SER MELHOR COMPREENDIDAS.

VIMOS TAMBÉM COMO A ESCOLA É UM DIREITO PARA TODAS AS CRIANÇAS, TÍPICAS OU ATÍPICAS, E COMO O ESPAÇO ESCOLAR É AINDA MAIS IMPORTANTE NA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS. FAZENDO COM QUE A SUA QUALIDADE DE VIDA MELHORE E DESENVOLVA SUAS QUALIDADES E COMPORTAMENTOS.

A ESCOLA É UMA FONTE IMPORTANTE DE CONVIVÊNCIA E INCLUSÃO PARA O AUTISTA E PARA A DIMINUIÇÃO DO PRECONCEITO CONTRA OS PORTADORES DESSA SÍNDROME.

QUANDO UMA CRIANÇA AUTISTA COMEÇA A FREQUENTAR ESPAÇOS QUE ANTES NÃO FREQUENTAVA, O CONHECIMENTO SOBRE O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA PASSA A SER ALGO COMUM NO DIA A DIA DAS OUTRAS PESSOAS.

A CONVIVÊNCIA PASSA A SER UM AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO NA FORMA DE PENSAR DAS PESSOAS.

TÉCNICA: SOBE SOM - MÚSICA UM MUNDO IDEAL - DANIEL GARCIA
FICHA TÉCNICA

Link para reportagem em áudio:
<https://open.spotify.com/episode/5P1B7xUn0UhO3Ep707Rg45?si=Mk7iTnssRWyuf3Spa3uaaw>